

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA  
*“STRICTO SENSU”*

**Fernando Celso Negrão Duarte**

**A Gênese da Universidade de Sorocaba – um resgate fotográfico**

**Sorocaba/SP**  
2009

**Fernando Celso Negrão Duarte**

**A Gênese da Universidade de Sorocaba – um resgate fotográfico**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Paulo B. C. Schettino

**Sorocaba/SP**  
2009

## DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos os fotógrafos que registraram as fotografias aqui resgatadas. Aos fotógrafos identificados, Monsenhor José Ribeiro Viana e Sr. Phorfirio Rogic Vieira. Dedicamos também aos fotógrafos que não conseguimos identificar, que, em última instância, apóia-se em seu trabalho, anônimos em virtude da dificuldade de identificação de autoria, que fizeram o registro histórico dos tempos passados em que pessoas começaram a enquadrar o que seria futuramente a Uniso – Universidade de Sorocaba e àqueles que reconhecem, na fotografia, os fragmentos de uma realidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, que me iluminou durante toda essa pesquisa e que continua sempre me iluminando e me abençoando.

Aos meus pais, José e Auta, pela preocupação com a minha educação e pelos primeiros passos na fotografia. Aos meus irmãos Francisco e Teófilo pelo incentivo na busca da melhor foto desde a minha infância.

A minha esposa Bia, presente em todos os momentos desta dissertação sem poupar esforços para me ajudar.

Ao reitor da Uniso, Prof. Aldo Vannucchi, que em 1996 me convidou para ministrar aulas de fotografia no recente curso de Comunicação de Social da universidade e, conseqüentemente, fez-me pesquisador desde aquele momento.

Ao meu orientador, Dr. Paulo Schettino, pelo estímulo e cobranças constantes que acabaram resultando neste trabalho.

Aos professores da banca, que com suas observações contribuíram muito para a conclusão desta dissertação.

*“O bem não faz barulho e o barulho não faz bem.”*

Dom Aguirre

## RESUMO

A nossa pesquisa tem por objetivo refletir a fotografia enquanto objeto de comunicação e sua capacidade de registro e representação histórica de fatos que marcaram os primórdios da Fundação Dom Aguirre e da Universidade de Sorocaba. Na introdução, procura-se trazer um breve relato sobre a fotografia, ressaltando sua função de recorte e de registro de fragmentos históricos da sociedade. Partindo-se da hipótese de que "a fotografia é tomada como ampliação do olhar do pesquisador", conforme afirma Boas, busca-se resgatar a história através de material fotográfico. E apoiados em Deleuze, podemos afirmar que a imagem não precisaria da linguagem verbal; o texto, assim, acaba, por vezes, redundante, por ser próprio da fotografia a linguagem visual/imagética.

Palavras-chave: Fotografia, fragmentos, gênese, memória, representação, Uniso.

## **ABSTRACT**

This research's goal is to think about photography as a communication object and its capacity to register and represent historic facts which have outstood the beginning of Dom Aguirre Foundation and the University of Sorocaba. We intend to start our research-based dissertation with a brief story about photography, standing out its function of clipping and registering historical fragments of society. Taking in consideration the hypothesis that "photography is seen as an amplification of the researcher's look", as suggest by Boas, we try to save its history through photographic material and based on Deleuze we can also assure that an image would not need the verbal language, when sometimes texts end-up being redundant for pertaining to the photography itself the visual/imagetic language.

Word-Key: Photography, fragment, gen, memory, representation, Uniso.

## RESUMEN

Este trabajo de investigación tiene por objetivo reflexionar no sólo acerca de la fotografía como objeto de comunicación, sino también considerar su capacidad de registro y la representación histórica de los hechos que marcaron el principio de la Fundación Dom Aguirre y de la Universidad de Sorocaba. Este estudio se inicia con un relato breve sobre la fotografía y pone de relieve su función de recorte y de registro de fragmentos históricos de la sociedad. La hipótesis de esta disertación se basa en la idea de Boas que concibe la fotografía como ampliación de la mirada del investigador. De ser así, se pretende rescatar, en este trabajo, la historia a través de material fotográfico bajo la visión de Deleuze. Para ese autor, la imagen no necesita el lenguaje verbal, ya que el lenguaje visual/imagético es propio de la fotografía y el texto acabaría siendo redundante.

Palabras clave: Fotografía, fragmentos, génesis, memoria, representación, Uniso.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>25</b>
<b>2. CAPÍTULO I: Primeiros Tempos – A Diocese de Sorocaba.....</b>	<b>31</b>
<b>3. CAPÍTULO II: Primeiros Tempos – O Seminário.....</b>	<b>40</b>
<b>4. CAPÍTULO III: Primeiros Tempos - A Fundação Dom Aguirre e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à Universidade de Sorocaba.....</b>	<b>82</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>114</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>102</b>

## APRESENTAÇÃO

O objetivo de nossa pesquisa foi realizar o resgate do acervo fotográfico da Universidade de Sorocaba nestes 15 anos de existência, partindo dos 50 anos da Fundação Dom Aguirre, sua instituição mantenedora, e de material descoberto entre imagens passadas da construção do antigo Seminário, prédio que hoje abriga um dos *campi* da UNISO e onde são desenvolvidos os cursos de Pós-Graduação *Lato e Strictu Sensu*.

Dentro desse contexto, realizamos um breve estudo sobre a fotografia enquanto imagem e canal de comunicação por meio das ideias de diversos autores que pensaram a fotografia, entre eles destacamos Kossoy, Barthes, Dubois, Aumont.

Empreender esta pesquisa sobre a história da Universidade de Sorocaba, que aqui denominamos como **“A gênese da Uniso – um resgate fotográfico”**, foi como realizar uma grande reportagem fotográfica. Começamos com o resgate de fotografias.

E encontramos centenas delas, desde a da instituição da Diocese de Sorocaba, com a vinda de seu primeiro bispo, como vemos na foto de Dom Aguirre paramentado para sua missa de posse da diocese, em 1925, uma imagem que está completando 85 anos, passando pelas das mais diversas atividades desenvolvidas pela igreja, entre elas a fundação e a construção do prédio do Seminário Diocesano, na década de 30, o Congresso Eucarístico, realizado na década de 40, e a implantação da primeira faculdade em nossa cidade, na década de 50, que destacamos aqui como o embrião da Universidade de Sorocaba. Conforme pesquisávamos a história através de fotos, percebemos o entrelaçamento entre a Igreja Católica local e a instituição a que pertencemos. E é o antigo prédio do Seminário que hoje, depois de 60 anos, sedia um dos *campi* da Uniso.

Cada ambiente e cada personagem retratado nas imagens encontradas é histórica, é referência para estudos, é comunicação visual, e retrata a cultura e a sociedade de uma época. Para Kossoy (1989), constituímos uma "civilização da imagem", e nesse sentido somos alvos contínuos de informações visuais. A fotografia, na leitura das articulações sociais da imagem, permite a compreensão do todo através de fragmentos que aqui resgatamos.

O texto acaba servindo como legenda. Deleuze (apud GOMES, 1996, p. 4), destaca que "a imagem comporta algo de natural das coisas e dos seres, uma vida imediata que não necessariamente precisa da linguagem".

Barthes (apud GOMES, 1996, p. 5) expõe que o significado de uma imagem fotográfica é histórico, pois é decorrente e modificável de acordo com o momento social a que pertence. Nos significados estão contidas as contextualizações espacial e temporal – onde e quando foi feito o registro fotográfico. A fotografia consegue a grandiosidade de transformar o tempo em espaço e o espaço em tempo. Por essa colocação, argumentada pelo autor em *Câmera Clara*, na imagem fica gravada uma presença no tempo que não existirá mais. A fotografia, diz ele, nos proporciona um "isto será" e um "isto foi" em uma única e mesma representação.

Além disso, o mesmo destaca que a fotografia pode reproduzir ao infinito algo que só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente. Eis aqui a relevância de nossa pesquisa, trazer à atualidade as imagens de uma época e de uma cultura não tão distante, mas desconhecida por muitos e que poderia se perder no tempo e no espaço.

Percebemos que a fotografia pode ser também entendida e analisada como uma importante manifestação da poética visual contemporânea. Muito além de suporte, transforma-se em uma fonte de estudos da Sociologia da Comunicação, através de pesquisas experimentais desde a preocupação semântica com o significado, até os aspectos físicos de imagens analógicas, obtidas através de processos fotoquímicos conjugados a sofisticados conteúdos visuais criados e processados em ambientes virtuais pelo uso de imagens digitalizadas.

Todas as imagens aqui retratadas trazem em si o olhar, a percepção, a sensibilidade de fotógrafos que, com seus equipamentos, realizaram o registro histórico dos tempos passados, imortalizando a história. Conseguimos identificar apenas dois desses fotógrafos, Monsenhor José Ribeiro Viana e Sr. Phorfirio Rogic Vieira, a quem dedicamos este trabalho, a eles e aos anônimos, os quais, em virtude da dificuldade de identificação de autoria das fotos, não tivemos a satisfação de poder nominá-los e, como fazemos em jornalismo, dar-lhes os devidos créditos.

Em síntese, fotografia é uma linguagem universal, sem tradução específica, constituída por uma leitura livre, sem normas e formalismos. Ela é intrinsecamente uma cópia virtual constituída de tempos fragmentados em uma realidade, obtida pelo fotógrafo, autor da imagem, que tenta transmitir seu conceito sobre aquele momento específico, o do instante captado. Mas é importante ressaltarmos que isso depende do espectador, quanto aos seus limiares de percepção e concepção crítica visual.

Eis aqui uma das dificuldades de nosso trabalho, selecionar as melhores fotos, as que mais nos traziam as representações do passado, pois, como fotógrafo, identificamos em cada fotografia a expressão de um olhar, a grandiosidade de se acreditar num sonho, como foi o de Dom Aguirre, primeiramente construir e instalar o Seminário Diocesano, sua preocupação com a educação formal e de qualidade, e posteriormente fundar a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje transformada em Universidade.

Procuramos diagramar as fotografias seguindo uma ordem cronológica, mas sem perder seu aspecto estético.

Algumas fotografias apresentadas neste trabalho foram resgatadas do acervo da Biblioteca da Uniso – *Campus* Trujillo, outras nos foi entregue por um anônimo, o material foi deixado aos nossos cuidados, sem nenhuma identificação de sua origem.

O que se apresenta aqui é, portanto, resultado dessa busca por resgatar a gênese da Universidade de Sorocaba, usando esse elemento tão instigador, a fotografia.

## INTRODUÇÃO

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. Benjamin, 1994.

Em um trabalho de pesquisa cujo objetivo é resgatar a memória de tempos passados através de fotografias, não poderíamos iniciar sem nos apoiarmos na afirmação de Dubois (2001, p. 314) “uma foto é sempre uma imagem mental. Ou, em outras palavras, nossa memória só é feita de fotografias.”.

Ao falarmos em resgate da história, deparamos-nos com um pensamento de Walter Benjamin, o qual destaca que a imagem do passado é absorvida pela história. Diz ele:

A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolúvelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. (BENJAMIN, 1994, p. 224)

Desta forma, em nossa pesquisa, partimos da hipótese de que, apesar de a fotografia ser considerada um recorte, ela não perde o valor de registro, e é com base neste pressuposto que percebemos que a fotografia vem invadindo os trabalhos científicos e históricos. Portanto, neste projeto, a fotografia, como diz é Kossoy (1989, p. 10) é "documento histórico e portador de múltiplas significações e fragmentos do registro das expressões." Os usos científicos e técnicos proporcionados pela fotografia não passaram despercebidos ao longo da história, e a arquitetura foi a primeira a se aproveitar da novidade, criando especialistas nesse tipo de registro.

Primeiramente é importante destacar que fotografar é um elemento, um canal de comunicação e informação. Para Barthes (1977, p. 34), fotografar e “ler” fotografias podem ser vistos como atos participantes de um jogo de espelhos, pois são múltiplas as implicações entre quem fotografa e o objeto fotografado e vice-versa, gerando esquemas interpretativos dos mais variados. A linguagem visual fotográfica, além de ser forte, não é determinada por uma língua padrão, não precisando assim de uma tradução, uma vez que cada imagem

registrada é diferenciada pela visão do fotógrafo e pelas inúmeras possibilidades de interpretações, conforme afirma Boas (apud LEITE, 1993, p.18), "a fotografia é tomada como ampliação do olhar do pesquisador".

Ao pensarmos a fotografia como a “ampliação do olhar”, podemos entender que a câmera amplia e supre a carência da limitação existente no olhar humano. E nessa relação com a câmera, o fotógrafo é o autor que imprime na foto sua forma individual de olhar, pois se colocarmos três câmeras para fotografar o mesmo objeto, os olhares serão diferentes, a própria diferença do olhar de cada um se imprime nas fotos. Sobre esse mesmo aspecto, Benjamin (1994, p. 100) afirma que “o decisivo na fotografia continua sendo a relação entre o fotógrafo e sua técnica.”.

Gomes (1996, p. 3) destaca que, para Kossoy (1989), constituímos uma "civilização da imagem", e nesse sentido somos alvos contínuos de informações visuais. A fotografia, na leitura das articulações sociais da imagem, permite a compreensão do todo através de fragmentos. Deleuze (apud GOMES, 1996, p. 4), destaca que "a imagem comporta algo de natural das coisas e dos seres, uma vida imediata que não necessariamente precisa da linguagem". Por linguagem, entendemos apenas a linguagem verbal, é através da palavra que se reconstrói o conhecimento da realidade, possibilitando a representação do mundo pelo verbo. Porém, para não refutar o autor, a imagem não precisaria da linguagem, o texto acaba sendo redundante, pois é própria da fotografia a linguagem visual/imagética.

Barthes, (apud GOMES, 1996, p. 5) em sua obra de 1977, conforme comenta Gomes (1996, p. 5), expõe que, para o significado de uma imagem fotográfica, a conotação é histórica, pois é decorrente e modificável de acordo com o momento social a que pertence. No significado estão contidas as contextualizações espacial e temporal – onde e quando foi feito o registro fotográfico. Referindo-se ao valor da linguagem fotográfica em jornais, onde esta se torna o centro da reportagem, sugere o título e orienta a estrutura do *layout*. As imagens fotográficas possuem potencialidades desestabilizadoras, que podem ser inseridas na recriação permanente do cotidiano já conhecido.

Barthes (1984) destaca que a fotografia pode reproduzir ao infinito algo que só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.

Nela, o acontecimento jamais se sobrepassa para outra coisa: ela reduz sempre o *corpus* de que tenho necessidade ao corpo que vejo; ela é o Particular absoluto, a Contingência soberana, fosca e um tanto boba, o Tal (tal foto, e não a Foto), em suma a Tique, a Ocasão, o Encontro, o Real, em sua expressão infatigável. (BARTHES, 1984, p. 13)

Desse modo, o autor nos reitera que existirá sempre uma distinção entre a fotografia, que é em suma uma representação da realidade, e a própria realidade. Dubois (2001, p. 25), ao mesmo tempo em que também afirma ser a fotografia uma testemunha do referente, não implicando que ela se pareça com esse mesmo referente, comenta que desde os seus primórdios a fotografia possui credibilidade e fidelidade ao real e que “a foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente, que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”. Ele acrescenta (ibidem, p. 36) que no século XIX o discurso sobre a imagem fotográfica se baseava no conceito de “semelhança”, mas no século XX o discurso se faz da “ideia da transformação do real pela foto.”.

Ao realizarmos nossas pesquisas, percebemos que a fotografia pode ser também entendida e analisada como uma importante manifestação da poética visual contemporânea, e pode ser considerada como uma forma de arte. Benjamin (1994, p. 104) ressalta que a relação moderna entre a arte e a fotografia é caracterizada pela “tensão ainda não resolvida que surgiu entre ambas quando as obras de arte começaram a ser fotografadas.”.

Muito além de suporte, a fotografia transformou-se em uma fonte de estudos da Sociologia da Comunicação, através de pesquisas experimentais desde a preocupação semântica com o significado, até os aspectos físicos de imagens analógicas, obtidas através de processos fotoquímicos conjugados a sofisticados conteúdos visuais, criados e processados em ambientes virtuais pelo uso de imagens digitalizadas.

A fotografia exerce um papel abrangente, que sua real importância na atualidade, tão presente no nosso dia a dia, foge à nossa percepção. A sua disseminação intensa pressupõe uma banalização em sua inserção no cotidiano das pessoas. Os diversos meios de comunicação e informação jornalística, publicitária ou cultural que nos envolvem e fascinam são essencialmente fotográficos, quer sejam na forma de imagens estáticas ou cinéticas que a utilizam.

Em síntese, fotografia é uma linguagem universal, sem tradução específica, constituída por uma leitura livre, sem normas e formalismos. Ela é intrinsecamente uma cópia virtual constituída de tempos fragmentados em uma realidade, obtida pelo fotógrafo, autor da imagem, que tenta transmitir seu conceito sobre aquele momento específico do instante captado.

Benjamin (1994, p. 94) faz uma colocação pertinente à nossa pesquisa:

Apesar de toda perícia do fotógrafo e de tudo o que existe de planejado em seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de

procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos, há muito extintos, e com tanta eloquência que podemos descobri-lo, olhando para trás. A natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente.

É importante ressaltarmos a importância do espectador quanto aos seus limiares de percepção e concepção crítica visual.

A fotografia aciona tudo isso. Ela nos reporta a algo que queremos ver ou não, tudo é relativo às intenções do autor e das concepções do espectador. A importância maior reside no fato de este espectador poder "ler" detalhes ou pequenos momentos fracionados fotograficamente, à sua vontade, em condições de livre interpretação, no tempo e no espaço que desejar. A recepção do espectador é algo singular, subjetivo, único, fruto de sua contemplação e significação, como destaca Dubois (2001, p. 15) na introdução do seu livro "O Ato Fotográfico":

A foto não é mais uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro *ato* icônico, uma imagem, se quisermos, mas *em trabalho*, algo que não se pode conceber fora de suas *circunstâncias*, fora do *jogo* que a anima sem *comprová-la* literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma *imagem-ato*, estando compreendido que esse "ato" não se limita trivialmente apenas ao gesto da *produção* propriamente dita da imagem (o gesto da "tomada"), mas inclui também o ato de sua *recepção* e de sua *contemplação*.

Nesse mesmo contexto, Barthes (1984, p. 14) comenta que "a fotografia é sempre apenas um canto alternado de 'Olhem', 'Olhe', 'Eis aqui', ela aponta com o dedo um certo vis-à-vis e não pode sair dessa pura linguagem *dêitica*." Assim sendo, ao pensarmos na imagem e nas possibilidades de interpretações que ela pode proporcionar, remetemo-nos à importância do olhar, tão rico de conhecimentos e de impressões do mundo. Ele reflete a imagem vista e vai mais além, revela a impressão desta imagem. Podemos dizer que o olhar é a porta aberta ao conhecimento do mundo. O autor (*ibidem*, p. 20) afirma que "uma foto pode ser objeto de três práticas (ou de três emoções, ou de três intenções): fazer, suportar, olhar." O hábito de olhar é tão intrínseco à pessoa, que, como diz Chauí (1999), o olhar está em nosso cotidiano e em nossas palavras.

Falamos em visões de mundo para nos referirmos a diferenças culturais ou para caracterizarmos diferentes ideologias e estas foram descritas pelo jovem Marx a partir da retina e da câmara escura, onde imagens se oferecem invertidas, visão enganada. Falamos em visão quando pretendemos dizer mudança de idéias, correção do rumo do pensamento ou da escrita, sem indagarmos por que referimos ao olhar alterações de idéias, convicções, práticas ou dizeres. Assim falamos porque cremos nas palavras e nelas cremos porque cremos em nossos olhos: cremos que as coisas e os outros existem porque os vemos e que os vemos porque existem. (CHAUÍ, 1999, p. 32)

Os primeiros cinegrafistas do cinema primordial percorriam o mundo com suas câmeras a tiracolo na esperança de surpreender o inusitado e diferente em seu momento único, procurando trazê-lo para os olhos dos primeiros consumidores destas imagens preñes de exotismo. O Cinema com suas fotografias "animadas" e os jornais e revistas do século XIX inauguram o consumo de imagens em larga escala, que iria ampliar-se de uma maneira desmedida na entrada do novo século. Conforme diz Barthes (1984, p. 31)

Vejo fotos por toda parte, como todo mundo hoje em dia; elas vêm do mundo para mim, sem que eu peça; não passam de “imagens”, seu modo de aparição é o tudo-o-que-vier (ou o tudo-o-que-for).

Para diversos pesquisadores, o século XX passaria a ser considerado como o século da supremacia da imagem sobre a palavra. Hoje, graças à INTERNET, a visão do mundo é tão globalizada, tão ampliada, que vemos tudo e todos sem sairmos de casa, sem irmos pessoalmente até o “local dos fatos”. Hoje, o mundo vem até nossos olhos.

A fotografia pode também ser definida, enquanto elemento visual, como uma forma gráfica de impressões e expressões artísticas, científicas e tecnológicas, cuja interação desses segmentos resulta em um registro visual, dotado de múltiplas formas de relações informativas e interpretativas. Benjamin (1994) em seu texto “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” em diversos momentos comenta que a forma como se dá nossa assimilação das imagens – para ele, a maneira como assimilamos o que vemos – vem em detrimento do que somos capazes de perceber. Dessa maneira, nossos sentidos nos impedem de reter a imagem com profundidade de sensações.

Entretanto Barthes (1984, p. 14) acrescenta que

...tal foto jamais se distingue de seu referente (do que ela representa), ou pelo menos não se distingue dele de imediato ou para todo mundo (o que é feito por qualquer outra imagem, sobrecarregada, desde o início e por estatuto, com o modo como o objeto é simulado): perceber o significante fotográfico não é impossível (isso é feito por

profissionais), mas exige um ato segundo de saber ou de reflexão.(...) Diríamos que a fotografia sempre traz consigo seu referente.

Joseph-Nicéphore Niépce desenvolveu, em 1817, experiências e obteve imagens com cloreto de prata sobre papel. Em 1822, conseguiu fixar uma imagem pouco contrastada sobre uma placa metálica, utilizando nas partes claras betume-da-judeia. Este fica insolúvel sob a ação da luz, e gera sombras na base metálica.. A primeira fotografia conseguida no mundo foi realizada em 1826, da janela da casa de Niépce.

A fotografia começou a alcançar popularidade com Louis-Jacques-Mandé Daguerre, que em 1839 desenvolveu o processo conhecido como Daguerreótipo. Benjamin (1994) descreve os clichês de Daguerre como placas de cobre, revestidas com prata, iodadas e expostas numa câmera obscura, que precisavam ser manipuladas sob boas condições de luz e em vários sentidos, para o reconhecimento da imagem impressa, que possuía uma cor de cinza-pálido.

Manguel (2001) comenta que Edgar Allan Poe, em 1840, comparou o Daguerreótipo com o processo chamado “fotogenia”, que em grego significava “pintar com o sol”, e considerou essa invenção francesa como “a mais importante e, talvez, a façanha mais extraordinária da ciência moderna” (apud MANGUEL, 2001, p. 43).

Entretanto, diversos outros autores, entre eles Wiertz e Baudelaire, apresentaram-se totalmente contrários ao advento da fotografia, pois se acreditava que a fotografia pudesse acabar com a pintura, substituindo-a enquanto obra de arte. Benjamin (1994, p. 104) destaca que muitos pintores se tornaram fotógrafos; mas, independentemente disso, a crítica a essa nova técnica de arte persistia. Acrescenta ele (ibidem, 1994, p. 104) o seguinte comentário sobre a fotografia, “a tentação é grande de atribuir a responsabilidade por esse fenômeno à decadência do gosto artístico ou ao fracasso dos nossos contemporâneos.”.

Vemos então que a fotografia, desde meados do século XVIII até os dias de hoje, vem produzindo incontáveis e notáveis ramificações, seja no cinema, na televisão, na medicina (radiografia, ecografia e ultrassonografia), seja em diversos outros segmentos, além da computação gráfica e da criação de imagens virtuais, tanto estáticas quanto dinâmicas.

## CAPÍTULO I:

### Primeiros Tempos - A Diocese de Sorocaba



José Carlos de Aguirre era padre em Bragança Paulista, cidade do interior de São Paulo, quando foi nomeado Primeiro Bispo Diocesano da cidade de Sorocaba pelo Papa Pio XI, em 04 de julho de 1924.

Chegou a Sorocaba para assumir seu bispado em 31 de dezembro de 1924, às 17 horas.

Com 44 anos, Dom Aguirre, paramentado para sua primeira missa como Bispo de Sorocaba, em 1925, assumia assim toda a responsabilidade de uma Diocese nova.

Ciente de todos os novos desafios que deveria assumir, Dom Aguirre, com grande fé e humildade, características presentes em toda sua vida, apresenta-se nesta foto com semblante calmo, confiante em Jesus Crucificado, simbolicamente representado no crucifixo em seu peito, no centro da foto e no centro de suas ações.

Vemos ao lado, o Sinal e Selo das Armas do Primeiro Bispo assumido por Dom Aguirre, que foi o bispo que por mais tempo governou uma arquidiocese no Brasil, permanecendo em sua função na cidade de Sorocaba até seu falecimento em 10 de janeiro de 1973.



Durante todo o período de construção do Seminário Diocesano de Sorocaba, Dom Aguirre não poupou esforços para manter as atividades da Diocese em funcionamento.

Dentre essas atividades, todas com foco no próprio Seminário, uma das principais, era a captação de recursos e o despertar da espiritualidade dos cristãos sorocabanos. Dom Aguirre, possuidor de grande carisma, rapidamente conquistou a simpatia da população. Visitava doentes, celebrava missas nos Conventos, realizava inúmeras celebrações do Crisma, da Primeira Eucaristia e atendia inúmeras confissões.



No final de 1925, a Diocese de Sorocaba possuía 51 sacerdotes de diversas nacionalidades, eram brasileiros, portugueses, alemães, espanhóis, franceses, suíços, poloneses e turcos.

Mons. Almeida (1974, p. 43) acrescenta que, as Congregações Religiosas femininas eram as Beneditinas, com colégios em Sorocaba e na região; as Recolhidas de Santa Clara e as irmãs Franciscanas do Coração de Maria, que cuidavam da Santa Casa.

Em 1927, fundou a “Obra das Vocações”, a “Liga Católica” com 400 homens que receberam de Dom Aguirre seus distintivos, inaugurou o salão das Associações Católicas, instalou o Conselho Diocesano das Conferências Vicentinas. Nos anos seguintes, inúmeras foram as atividades de Dom Aguirre, sempre procurando atender a população e, como um “Bom Pastor”, cuidando de suas ovelhas.



No período de 22 a 26 de outubro de 1941, aconteceu, em Sorocaba, o Congresso Eucarístico em preparação ao Congresso Eucarístico Nacional de São Paulo, realizado em 1942.

Organizado com o apoio de diversos leigos representativos da cidade, Dom Aguirre esteve presente e à frente de todas as decisões.

Encomendou medalhas e distintivos; lembrou paramentos artísticos, que as Beneditinas confeccionaram, convidou pessoalmente os oradores, desde logo ordenou nas trinta e três paróquias de Sorocaba as Semanas Eucarísticas preparatórias. (ALMEIDA, 1974, p.133)

Durante dez meses, a diocese esteve envolvida nos preparativos do Congresso Eucarístico. Segundo Mons. Luis Castanho de Almeida, o evento foi “uma maravilha”, e comentou:

Modéstia à parte, uma senhora de São Paulo me disse: nós viemos aqui aprender fazer o nosso Congresso. (ALMEIDA, 1974, p. 133)





Dom José Gaspar de Afonseca e Silva pontificou e foi quem levou o Santíssimo no carro triunfal, empurrado por sacerdotes. Segundo Mons. Almeida (1974, p. 134), o Arcebispo era pessoa de grande simpatia. Cônego Macedo foi, conforme comentou Mons. Almeida (1974, p. 134), “a alma do sucesso final”, foi quem exerceu a função de locutor de todos os Congressos Paulistas.



Diversos sacerdotes das cidades da região participaram do Congresso Eucarístico, muitos vindos de trem. Nada os impediu de estarem presentes a esse evento que marcou a Diocese de Sorocaba.



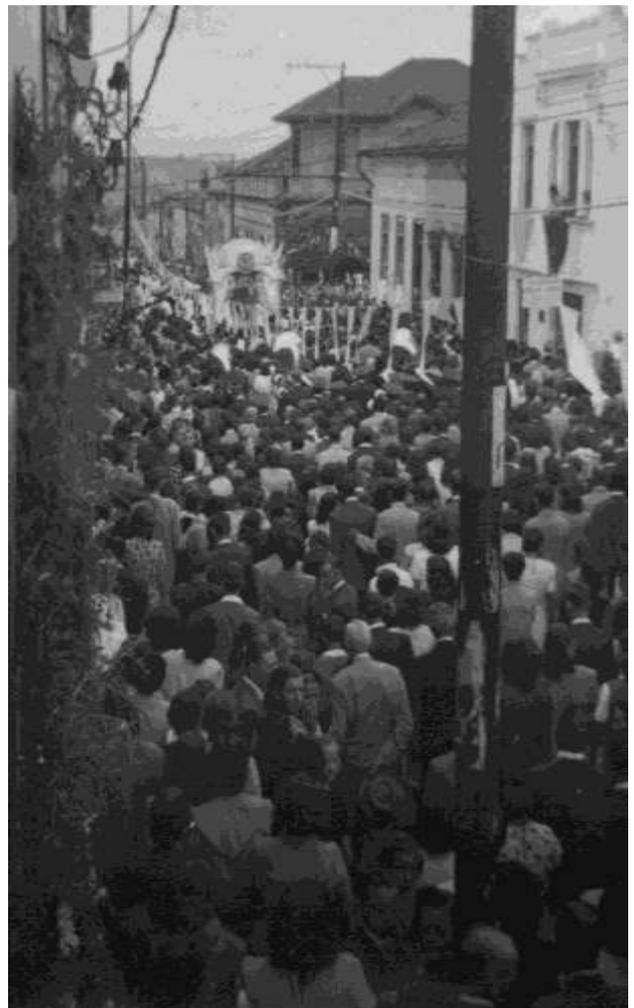
Toda a comunidade de Sorocaba se envolveu diretamente com o Congresso, as Famílias Católicas hospedaram os Bispos e os sacerdotes que vieram especialmente para o evento. A Companhia Nacional de Estamparia construiu na Praça Frei Baraúna um altar monumento com colunas e cúpula de madeira.





Vemos retratados em todas essas fotos fiéis, religiosos, idosos, crianças que participaram e fizeram do Congresso Eucarístico um marco na Diocese de Sorocaba. Imagens estas que nos trazem a lembrança de celebrações raramente presentes em nossos dias.







Dom José Gaspar de Afonseca e Silva celebrou a Santa Missa em Honra ao Santíssimo Sacramento diante de inúmeros fiéis, que lotaram a Praça Frei Baraúna, no centro da cidade.

A chuva não dispersou a população, mas transformou a praça em um campo de guarda-chuvas, um ao lado do outro, milimetricamente enquadrados nesta foto.

Esse enquadramento escolhido pelo anônimo fotógrafo, com guarda-chuvas abertos, remeteu-nos à lembrança do clássico filme “Correspondente estrangeiro” (1940), de Alfred Hitchcock, com fotografias de Rudolph Maté.

Sempre modesto e em orações, Dom Aguirre assumiu uma atitude de participante durante todo o Congresso, “obedecendo ao programa como um hóspede, no seu genuflexório ao lado dos bispos”, conforme destacou Mons. Almeida (1974, p. 134).

Eis aqui o momento mais esperado de todo o Congresso Eucarístico, a Consagração do pão e do vinho em Corpo e Sangue de Cristo.



Dom Aguirre recebeu diversos cumprimentos do clero e manifestações populares pelo sucesso do Congresso Eucarístico.

As atividades da Diocese aumentavam e ganhavam novos participantes, a comunidade Católica se via mais e mais apegada a Dom Aguirre, que correspondia a toda confiança e carinho, junto de seu povo, rico ou pobre. Ele exerceu inúmeras atividades que fizeram e fazem parte da história de Sorocaba.

## CAPÍTULO II:

### Primeiros Tempos – O Seminário

A cidade vivia novos tempos com Dom Aguirre, sua figura havia conquistado definitivamente a amizade dos diocesanos. Mons. Almeida (1974) destaca que Dom Aguirre estava sempre junto aos fiéis, presente tanto nas capelas distantes como em importantes paróquias,

Numa estação férrea ou numa mesa de banquete, no púlpito ou na cabeceira de enfermo, pobre ou rico, S.Excia., se tornara o dono dos corações. (ALMEIDA, 1974, p. 206).

Durante 13 anos, comenta Mons. Almeida (1974), Dom Aguirre preparou “o terreno, que chamaremos espiritual”, para a fundação do Seminário Diocesano de Sorocaba.

Uma seiva de vida nova estendia-se e penetrava em toda parte, multiplicando-se em cada paróquia as missões, as semanas Eucarísticas, as congregações marianas as conferencias vicentinas, a realização do lema de suas armas progredia firmemente per *Ipsum, ET cum Ipso, ET in Ipso* (Por Cristo, com Cristo e em Cristo – Apóstolo Paulo).” (ALMEIDA, 1974, p. 206).

O interesse maior de Dom Aguirre, segundo Mons. Almeida (1974, p. 48), “sempre foi pelos seus padres e seus futuros padres.” Sob esse interesse, a história do Seminário teve seu início com o casal Speers, Sr. Francisco José, conhecido como Sr. Frank Speers, e Sra. Rosária Oetterer, fiéis devotos e colaboradores da Igreja Católica em Sorocaba, grandes colaboradores da matriz da cidade, hoje Catedral Metropolitana.

Empresário do segmento têxtil, proprietário da antiga Fábrica Santa Rosália, onde hoje se encontra o Hipermercado Extra, no bairro de mesmo nome, Sr. Frank, de espírito despojado, doou à Diocese de Sorocaba, no dia 23 de novembro de 1929, um terreno para a construção de um seminário, “uma esplêndida propriedade suficientemente próxima do centro da cidade, com a frente para Rua Sete de Setembro, era um terreno do tamanho de uma chácara”. (ALMEIDA, 1974, p. 207).



Dom Aguirre posa para esta foto acompanhado por seus amigos e grandes benfeitores, Sr. Frank Speers e Sra. Rosária Oetterer.

A generosidade do casal Speers vem ao encontro da diretriz nº. 2043 do Catecismo da Igreja Católica (CIC):

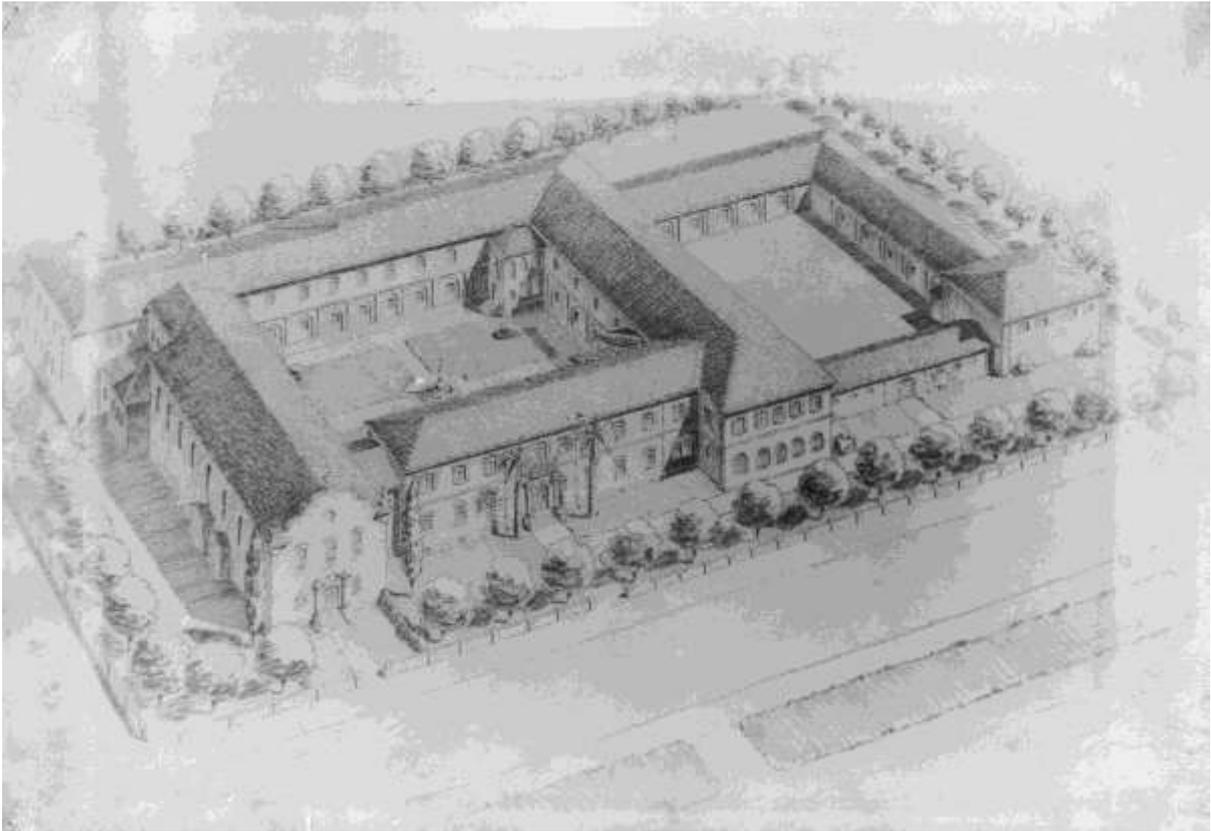
Os fiéis cristãos têm ainda a obrigação de atender, cada um segundo as suas capacidades, às necessidades materiais da Igreja. O quinto mandamento [da Igreja] ("Ajudar a Igreja em suas necessidades") recorda aos fiéis que devem ir ao encontro das necessidades materiais da Igreja. (<http://www.catequizar.com.br>, 06/08/2009 – 17h44)

Anteriormente à instalação do Seminário Diocesano de Sorocaba, os seminaristas eram formados de forma satisfatória nas cidades de Botucatu e Pirapora. Porém Dom Aguirre tinha grande preocupação em preservar a integridade e seriedade da formação sacerdotal, assim afirmava para si mesmo que, para construir um seminário em Sorocaba, este deveria

...ser grandioso, ao menos digna e completa, como é prova a planta pelo arquiteto Dorfmueller, ótima planta, em que cuidou de todos os pormenores sem nada omitir das coisas necessárias à educação dos futuros padres num ambiente, digamos, pedagógico. (ALMEIDA, 1974, p. 206)



Vemos acima o Projeto do Seminário Menor Diocesano “São Carlos Borromeu”, conforme o prescrito pela Santa Sé na *Bulla “Ubi Praeules”*, de 4 julho de 1924: Mandamos ainda que, quanto antes, conforme for possível, se funde em cada diocese (de Santos e de Sorocaba), ao menos o Seminário Menor Diocesano, de acordo com as Instruções e Normas da Sagrada Congregação dos Seminários”. (ALMEIDA, 1974, p. 127).



Segundo Mons. Almeida (1974, p. 123), as discussões para a construção foram iniciadas em 4 de novembro de 1937. No dia 02 de maio de 1938, Dom Aguirre assinou o contrato com o arquiteto Dr. Carlos Dorfmueller.

Ao lado está o desenho do projeto do Seminário Menor Diocesano.

A obra foi concluída em 8 de dezembro de 1954. (ALMEIDA, 1974, p. 127).



No dia 04 de novembro de 1937, Dom Aguirre, assistido pelo Bispo auxiliar de São Paulo, Dom José Gaspar, abençoou a primeira pedra, dando início à construção do tão esperado Seminário Diocesano de Sorocaba.

Segundo Mons. Almeida (1974, p. 208), “foi uma solenidade muito distinta, presenciada pelos RR. Párcos da Diocese, autoridades e povo.

Entre os que discursaram no ato da benção, estava o acadêmico Jaime Martins Costa Passos, conhecido posteriormente como Pe. Jaime, que anos depois foi o primeiro pró-reitor acadêmico da Universidade de Sorocaba.



Com enquadramento esteticamente perfeito, o fotógrafo destaca ao centro Dom Aguirre, com fisionomia iluminada por luz natural, vinda do espaço, na parede, espaço este para uma das futuras janelas do Seminário.

O Senhor Bispo presidiu a Comissão de Obras, formada e auxiliada pelo Revmo. Mons. Francisco Antônio Cangro, pelos Srs. José Miguel, Cap. Luis da Silva Oliveira, Cel. Vicente Amaral, Cel. João Clímaco de Camargo Pires, Farm. Arnaldo Cunha.

Foram realizadas, até agosto de 1938, diversas reuniões, estudando meticulosamente o projeto e tendo em vista o menor custo possível.

As obras começaram no início de setembro de 1938, e a primeira etapa foi concluída em julho de 1939.





A obra e os pedreiros atentos a suas funções, fotografados em diversos ângulos.





Day (1980, p. 75) faz uma colocação pertinente as fotos e coincide também com nossa opinião. Eis o que ele diz:

O que são “edifícios”? São catedrais e igrejas, castelos e casas de campo cobertas de palhas. São também prédios de escritórios, terminais de aeroporto, hotéis – e a nossa própria casa. Todos, porém, têm uma coisa em comum: foram projetados e construídos por pessoas. Em minha opinião, as melhores fotografias arquitetônicas são as que mostram gente utilizando o edifício.

Abaixo, a bela foto da contemplação dos dois religiosos às paredes que se levantam e ao futuro pátio interno.



Dom Aguirre se orgulhava da construção do Seminário; sempre que era possível, realizava visitas às obras, muitas vezes acompanhado por seminaristas, padres e bispos amigos. Abaixo, está retratado Dom Aguirre e dois seminaristas, ao seu lado direito Benjamin Souza Gomes e, à esquerda, Luis Almeida Moraes.



Sobre as visitas de Dom Aguirre a obras do Seminário, Mons. Almeida (1974, p. 126), destaca que “Dom Aguirre visitou e animou continuamente as obras, indo, alguns dias, duas vezes levando visitas. De bonde ou a pé.”



Dom Aguirre com mais visitantes: Dom Justino e os seminaristas Antonio Maria Mucciolo e Mauro Vallini. O brilho refletido nos tijolos dá a profundidade desejada pelo fotógrafo e destaca ainda mais a sobriedade das saudosas batinas.



Nesta foto das obras e seus pedreiros, a composição ganha um toque especial com o instante em que o automóvel trafega pela Av. Dr. Eugênio Salerno.

Pe. André Pieroni Sobrinho, coadjutor da Sé, ficou responsável pelas compras e vigilância direta do prédio.

Mons. Almeida (1974, p. 125) destaca que Padre Pieroni “obteve as telhas de Laranjal, sua terra, pagas pelos laranjalenses”.



Padre Francisco Ribeiro, Padre Andre Pieroni e Dom Aguirre vistoriando as telhas vindas de Laranjal Paulista, cidade do interior do estado de São Paulo.

Foi realizada a cerimônia de bênção das telhas, chamada “Benção da Cobertura”.



A telha, que é feita de barro, possui simbologia peculiar, serve para cobertura, o que significa a própria proteção de Deus.

Na foto abaixo, tirada de um dos andares superiores, encontramos, no canto inferior direito, um tripé com uma câmera fotográfica.





Dom Aguirre, simbolicamente, faz a entrega da primeira telha benta ao construtor, Dr. Antônio Amábile, sob o olhar atento do Pe. Misiara, primeiro Reitor do Seminário.

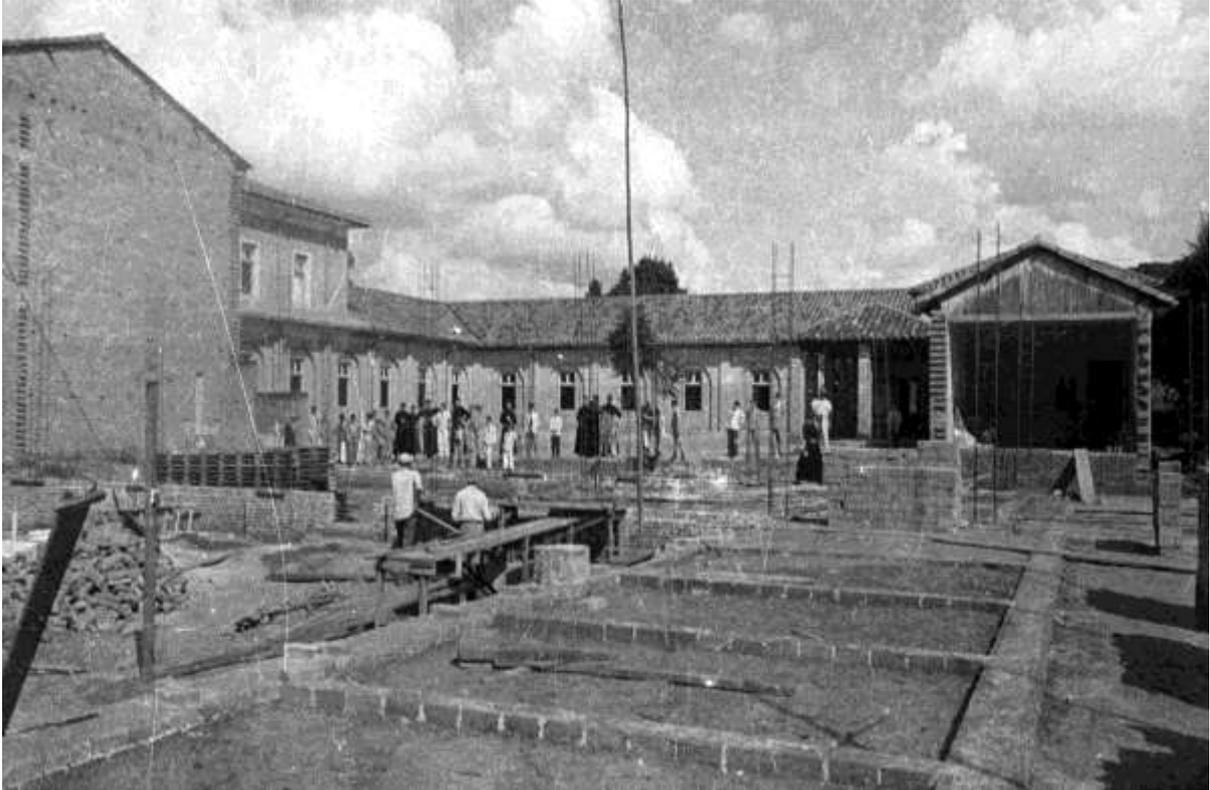


Aqui, Dr. Amábile posa no madeiramento do telhado que fará a cobertura do Seminário.

Autoridades participaram de tão singela cerimônia, num momento de fé em plena obra.

Entre elas, o Comandante da Polícia Militar, Cel. Otacílio, o Prefeito Municipal Emerenciano Prestes de Barros, padres, seminaristas e convidados. Presença da Banda da Polícia para animar o evento. A construção do Seminário Diocesano mobilizou toda a comunidade católica de Sorocaba e região.





Abaixo, vemos Pe. Pieroni clicado com o martelo na mão. Percebemos que em seu dia a dia na obra não se contentava apenas em acompanhar e vistoriar, era atuante e estava sempre junto dos pedreiros.



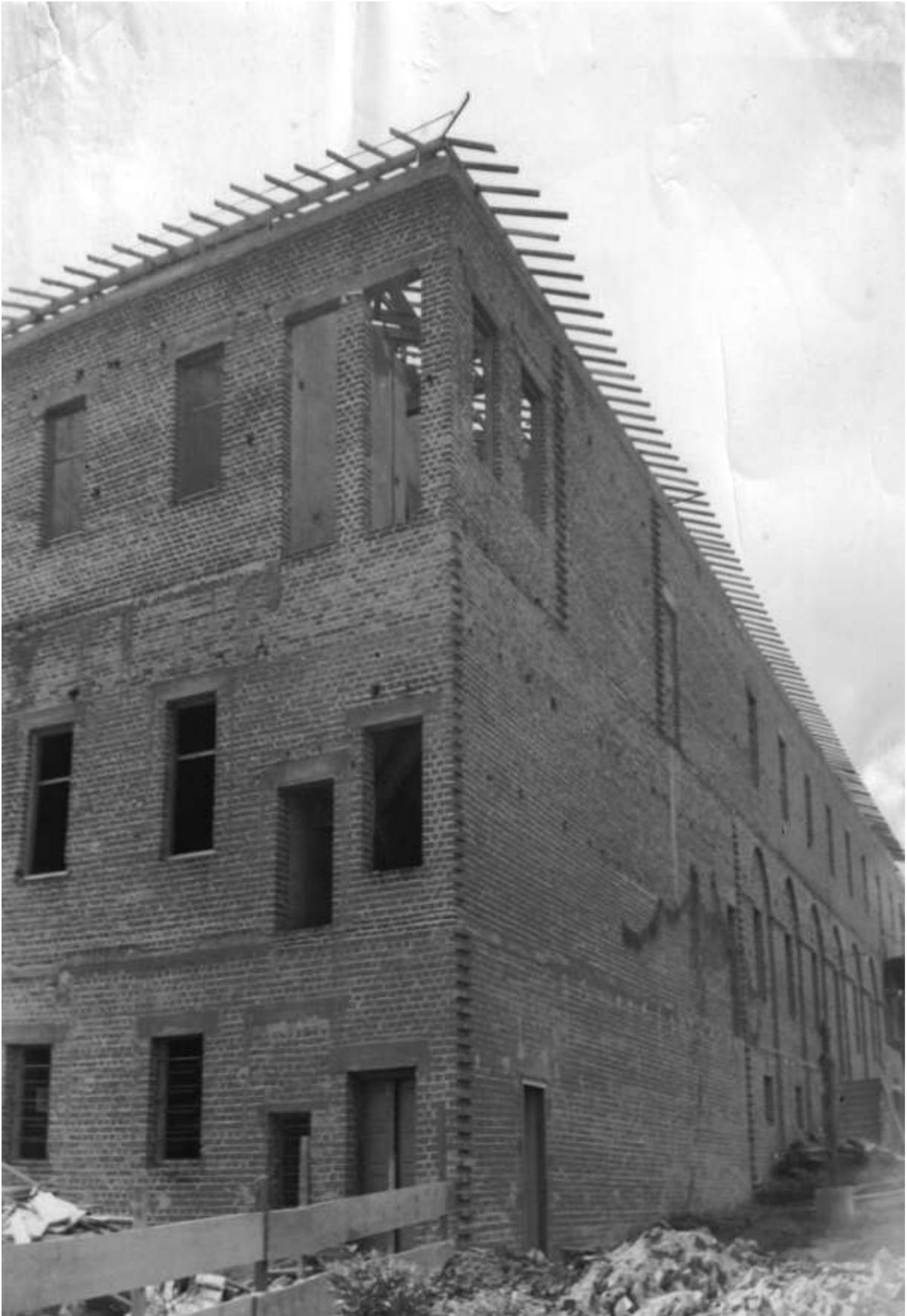


Mesmo com dificuldades financeiras durante a obra, a construção não parou. Dom Aguirre, em suas anotações, destacava as muitas doações que recebia de amigos e que entregava ao tesouro da Obra das Vocações.





Padre Mauro Vallini, Padre Humberto Ghizzi e Monsenhor Misiara em visita às futuras instalações do seminário. A luz ao fundo realça a quantidade de areia utilizada.







Pe. Pieroni sempre recebia com carinho e atenção as pessoas comuns da sociedade, inclusive crianças, que visitavam as obras do futuro Seminário. A proporcionalidade e luminosidade dessa foto, dando um efeito silhueta, transmitem a proximidade entre a Igreja e a sociedade. Ao fundo, emoldurados pelo arco, vemos outros prédios da cidade.



Seminaristas  
no futuro pátio do  
Seminário.



Acima, plano geral do futuro Seminário. Este parece pequeno devido à distância. Abaixo, vista da fachada, grandiosa, graças à proximidade, ou seja, conforme o enquadramento a noção de tamanho é diferenciada. A árvore em primeiro plano dá profundidade de campo e faz também uma moldura na foto. Day (1980, p. 56) explica que existem três fatores básicos na fotografia: “forma, tamanho e contraste”. Ele acrescenta:

Quanto à forma (...) as linhas formadas por estradas, fileiras de arbustos, sulcos de arado, etc, dão forte sensação de profundidade quando se estendem do primeiro plano para o fundo, perdendo-se na distância. O tamanho é intimamente associado à forma. O motivo de as linhas transmitirem a noção de profundidade é que parecem convergir na distância, isto é, quanto mais longe um objeto, menor ele parece.





A fachada ganha aspectos arquitetônicos presentes e mantidos até os dias de hoje. Day (1980, p. 76) comenta que:

Os edifícios antigos são, muitas vezes, cheios de pequeninos detalhes, delicados baixo-relevos e ornamentos. Detalhes que vemos nas fotos da Igreja e da fachada do Seminário.

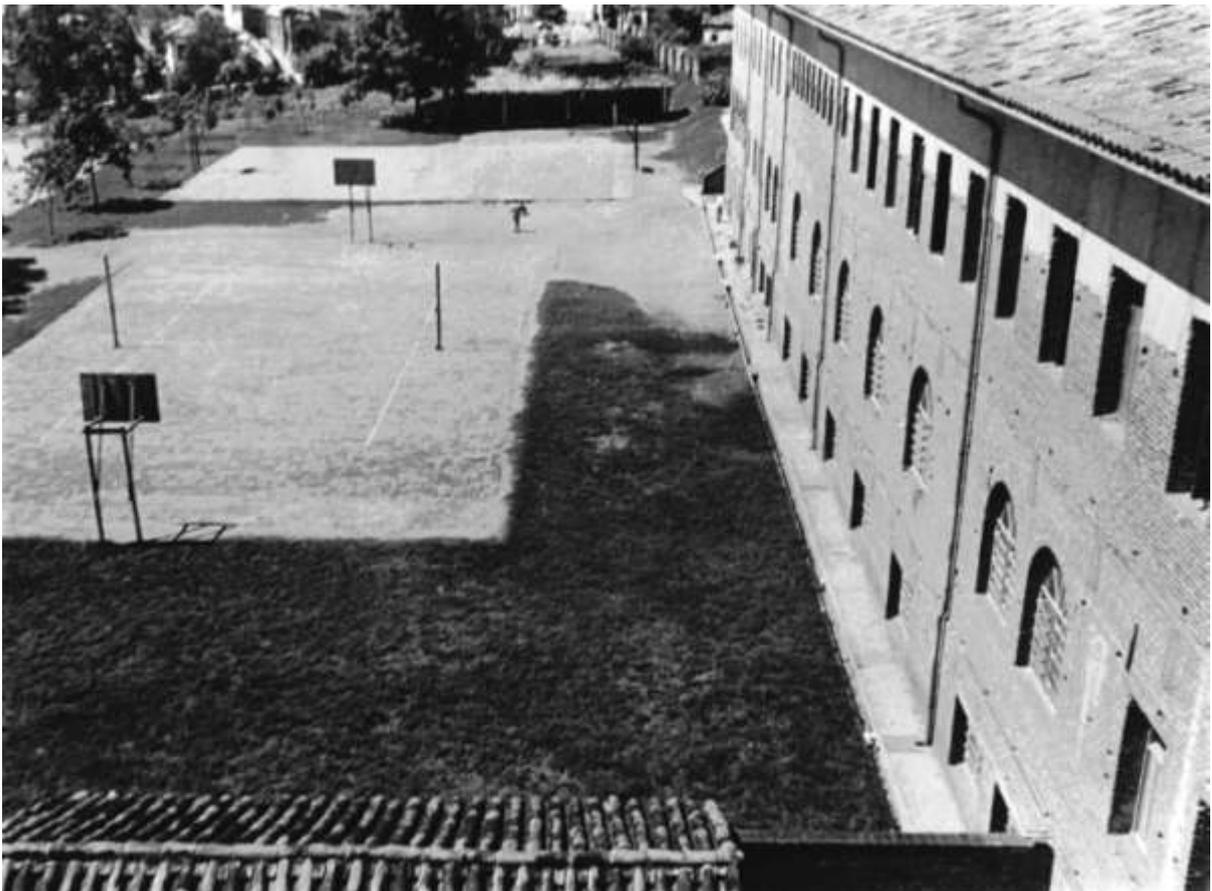




O pátio interno é, ainda hoje, um local agradável e bonito, coisa que os seminaristas souberam aproveitar em seus momentos de descontração. Destaque para os detalhes registrados: a vassoura na mão de um seminarista e, na outra foto, um seminarista está com o balde do poço na sua cabeça. Todos demonstram alegria e jovialidade. Essas imagens foram registradas em 1954..



A quadra de esportes, que ficava nos fundos do Seminário, era o local onde os seminaristas se exercitavam e aproveitavam seus momentos de descanso. A luminosidade contrastante em tons de cinza e o enquadramento escolhido fazem uma moldura para as quadras.

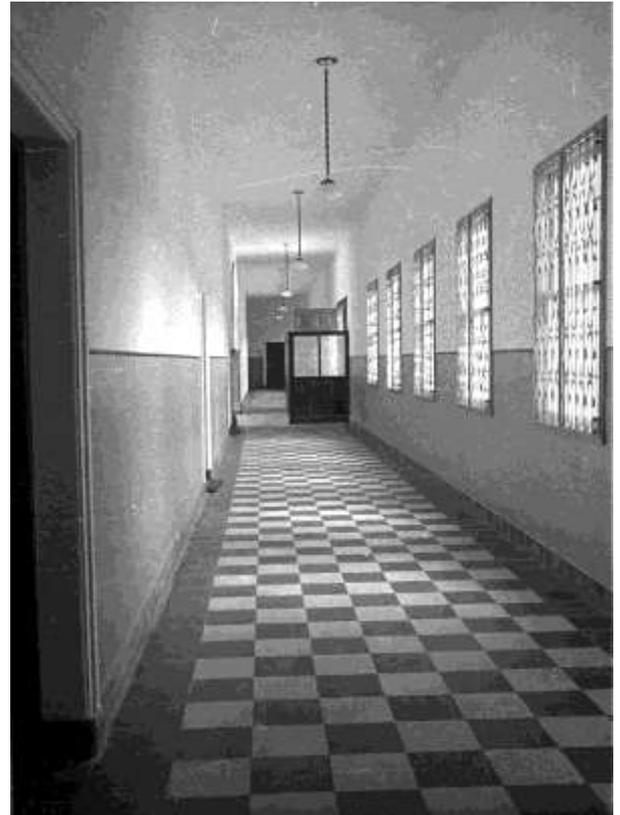




Dom Antonio Maria Mucciolo, Dom José Fernandes Veloso e Monsenhor Antônio Pedro Misiara, nesta foto, sob o olhar de Jesus Mestre.

O enquadramento escolhido destaca a frase em latim, que possui belo significado:

*A Sabedoria edificou uma casa para si.*



Corredores internos, ligação entre os quartos e salas de estudo. A iluminação, vinda das janelas e refletida no chão e nas paredes, cria a atmosfera de profundidade.

Esta sequência de fotografias nos reporta ao filme *“Ano passado em Marianbad”* (1961), de Alain Resnais, que teve como fotógrafo Sacha Vierny.





### Escadarias do Seminário...

Degraus que levavam de um piso ao outro. Dando destaques para os formatos geométricos, o fotógrafo aproveita a luz natural para compor o registro, apoiando-se nos contrastes do claro ao escuro.



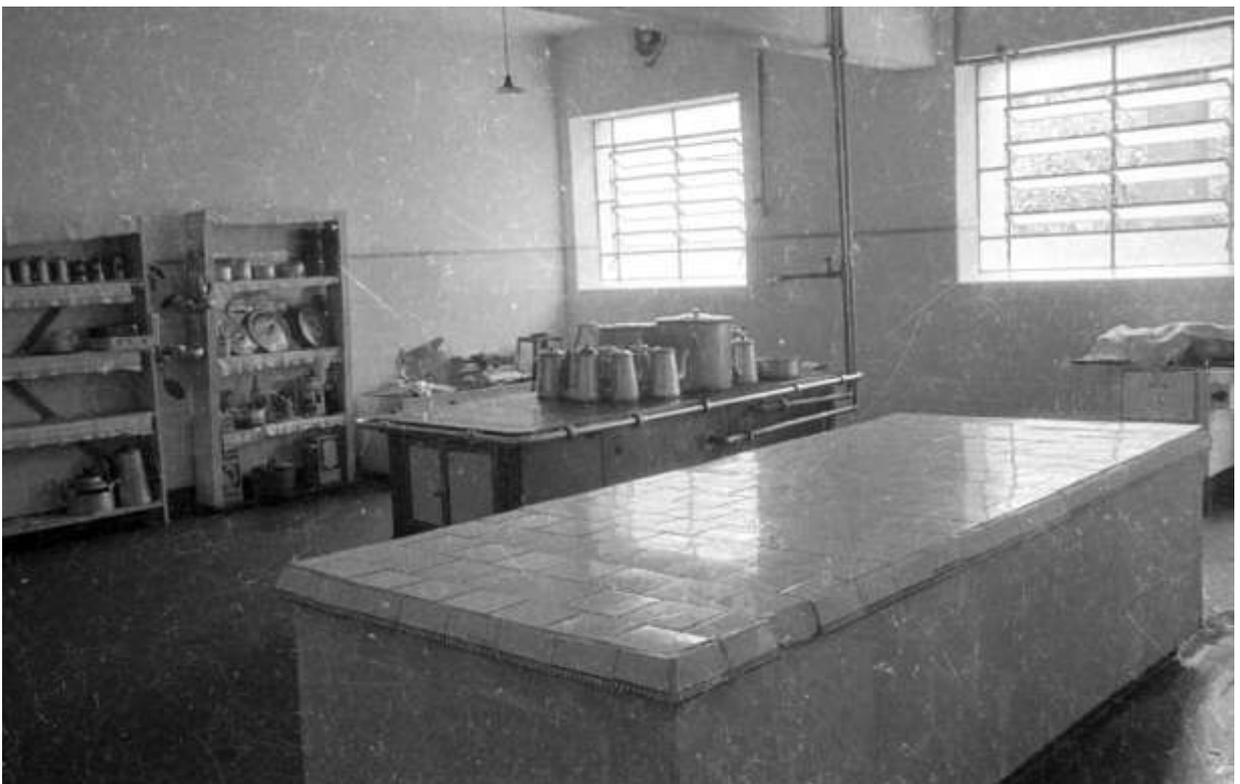


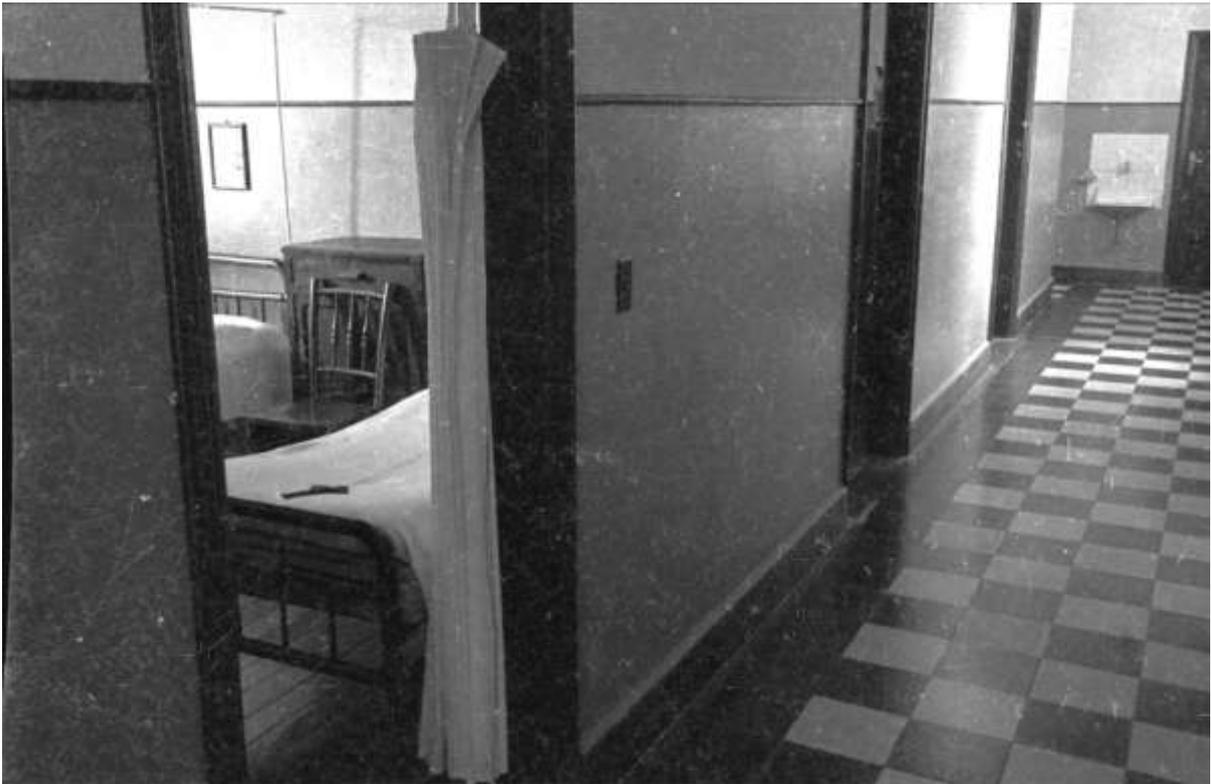
Refeitórios dos Padres. Organização e simplicidade postas à mesa.





Refeitório dos Seminaristas. Enquanto a maioria se alimentava, um seminarista, em pé, fazia a leitura de passagens bíblicas, Na foto o vemos no canto superior esquerdo, iluminado por luz natural proveniente de alguma janela. Abaixo, o registro da cozinha, limpa e em ordem. Destacados ao centro, vemos os grandes bules e caldeirões.





Acima, vista parcial do quarto das mães que viviam no Seminário, em alojamento exclusivo para elas. Hoje, nesse mesmo local, encontram-se as salas dos professores do Mestrado em Comunicação e Cultura.

Na foto abaixo, vemos Dom Mucciolo aguardando os alunos em sua sala de aula. Dia 08 de fevereiro de 1943 marcou o início das aulas.





Sala de estudos com parte do acervo bibliográfico, espaço muito utilizado pelos alunos. A claridade no chão destaca as sombras das carteiras.



Alunos de terno, traje típico da época, em sala de estudos, muitos atentos à leitura, mas alguns curiosos pela presença do fotógrafo.



Alunos no salão de estudos, década de 60.

O registro fotográfico explora a iluminação natural vinda das janelas, no grande plano geral, e utiliza a iluminação artificial para ajudar a iluminar a cena. Uma imagem que mostra organização, disciplina e rigidez no ensino; e rigor estético da fotografia.



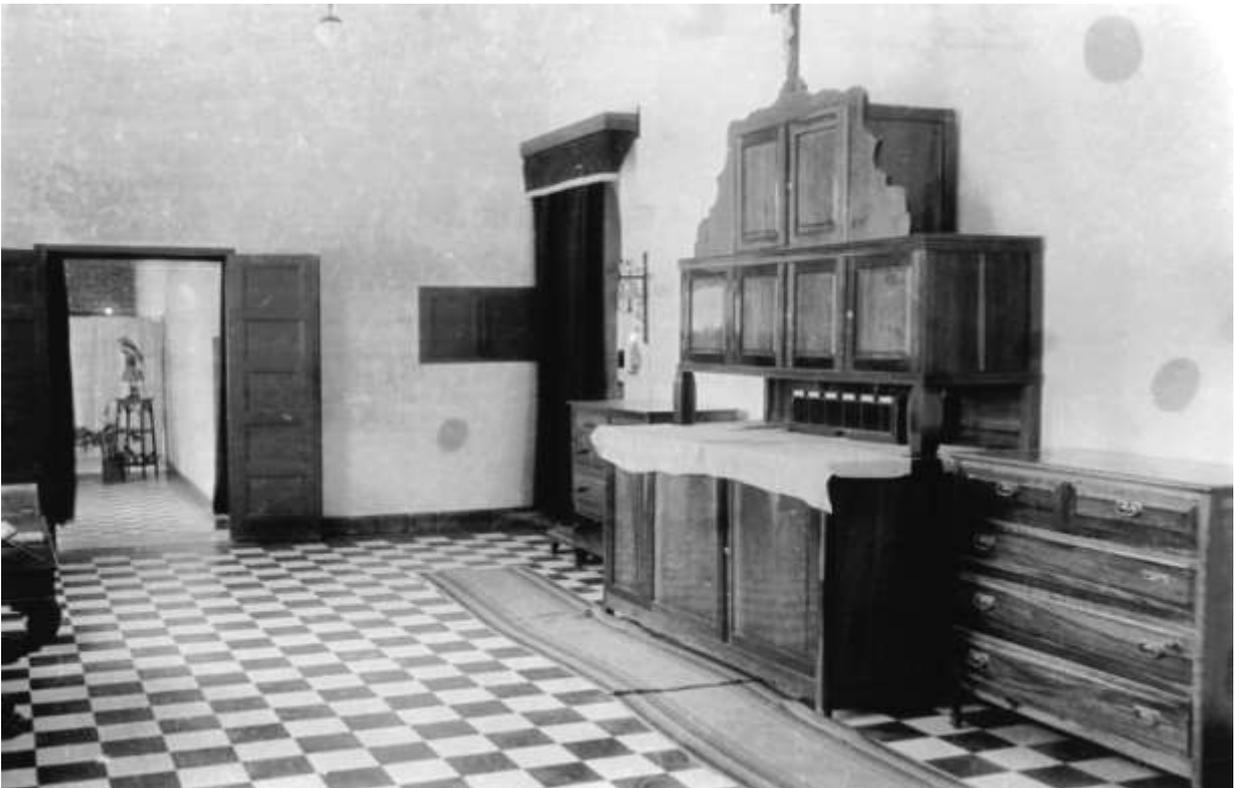
O teatro vazio, em 1954, hoje transformado no Salão Verde. O corredor entre as cadeiras, milimetricamente centralizado na foto, direciona nosso olhar para o centro do palco.



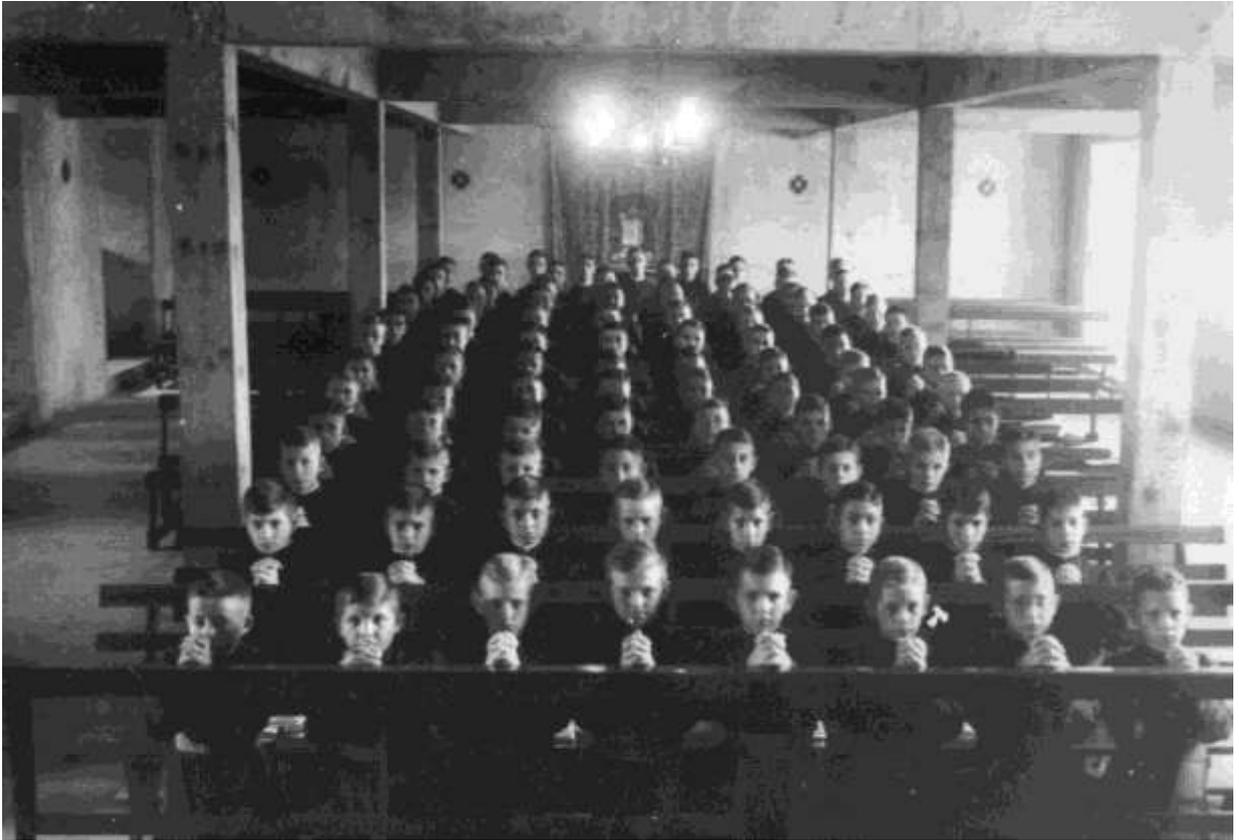
Aqui, o teatro encontra-se ocupado para apresentação do Coral do Seminário.



Na Igreja do Seminário, Irmãs da Providência e auxiliares fazem suas orações no recinto reservado a elas, ao lado do altar-mor. As irmãs das ordens religiosas da Diocese sempre estiveram presentes na história do Seminário. As madres beneditinas do Colégio Santa Escolástica doaram as alfaias da capela, que são os objetos e paramentos litúrgicos.



Sacristia da Igreja do Seminário. O enquadramento escolhido pelo fotógrafo nos mostra a imagem de São Miguel Arcanjo.



Acima, estão retratados os alunos de 11 a 16 anos em momento de orações na Capela; e abaixo, no pátio, durante o intervalo. Foto da década de 60.





Seminaristas da Diocese de Sorocaba, no início dos anos 60. Entre eles, os futuros padres Bloes, Moretti, Mota e Emílio Grando.



O atual Reitor da Uniso, Prof. Aldo Vannucchi. Ao seu lado esquerdo está sua irmã, Madre Tereza com seus parentes e amigos, no dia de sua Ordenação Sacerdotal, em 15 de agosto de 1952.



Momento especial no Seminário, em 1959, para a visita do Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, que aparece sentado ao lado esquerdo de Dom Aguirre. Com eles, o clero da diocese.

Todo de branco, sentado, vemos o Prefeito Municipal de Sorocaba, Sr. Armínio Vasconcelos Leite, que também prestigiou o evento.



Registro do Retiro Espiritual do clero diocesano, realizado em 1966, que contou com a presença especial de Dom Davi Picão, Bispo de Santos. Na foto o vemos sentado ao lado de Dom Aguirre, que recebia com grande satisfação os colegas dessa e de outras dioceses.

Esta imagem captada revela a presença de dois padres que, da janela, acompanhavam o momento da foto.



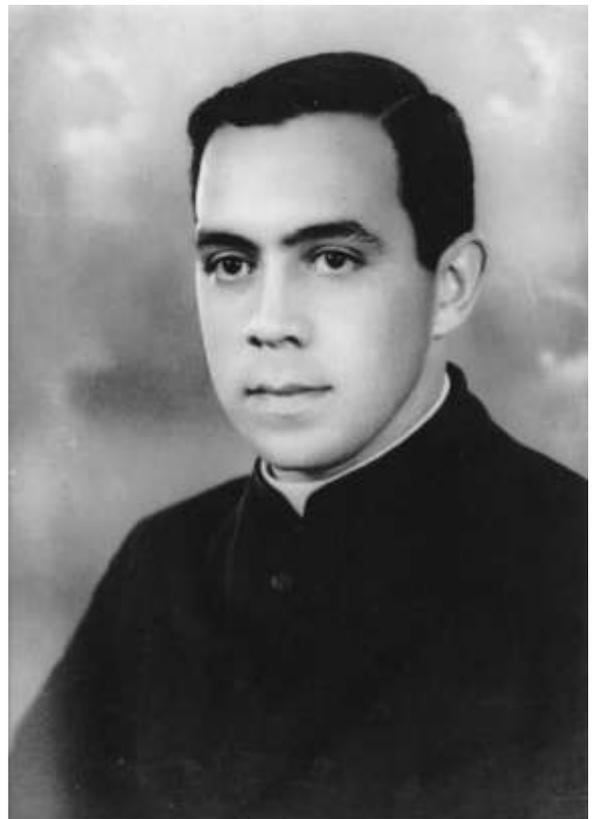
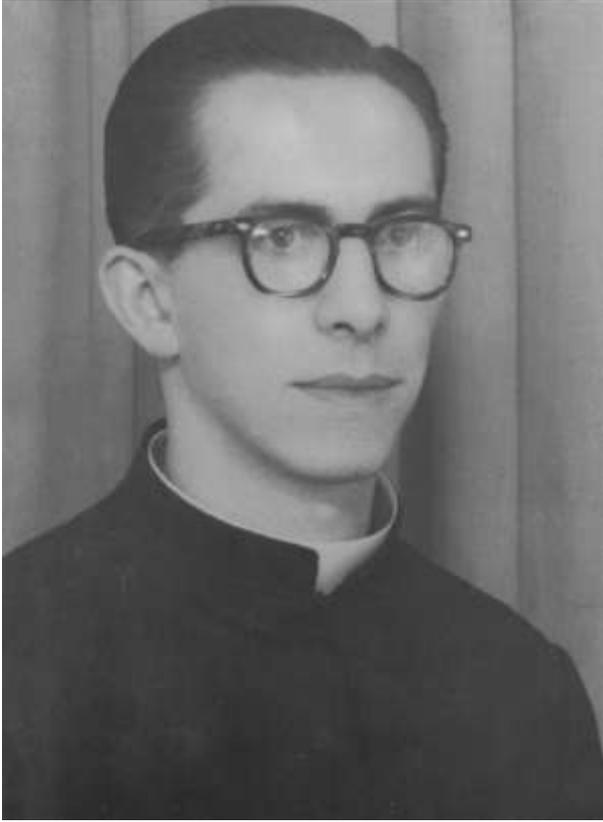
Os seminaristas, sempre que era possível, recebiam seus familiares. Momentos estes que serviam para minimizar as saudades.

Aqui, o registro de uma dessas visitas, acontecida na década de 60.



Os seminaristas eram fotografados para documentação da Cúria. Aqui, vemos alguns dos que passaram pelo Seminário Diocesano de Sorocaba.







Para fazermos a diagramação destas páginas com os closes dos seminaristas, tivemos como referência o filme “A Paixão de Joana D’Arc” (1928), de Carl Theodor Dreyer, que contou também com fotografias de Rudolph Maté.

Buscando encerrar este capítulo, dedicado ao Seminário Diocesano de Sorocaba, pesquisamos mais uma vez o material bibliográfico que fundamentou nossa dissertação e nos deparamos com uma passagem de Mons. Almeida (1974, p. 204), ao narrar a fundação do Seminário, que cabe aqui como marco histórico, a qual transcrevemos a seguir:

Um dia a lembrança destas coisas será agradável. Também terá um dia a sua história e o seu historiador. O coração se volverá saudosos para aqueles muros e aquele sagrado cenáculo onde os sonhos de uma vida sacrificada por Deus e pelas almas precederam e prepararam a doce realidade do sacerdócio.

## CAPÍTULO III:

### Primeiros Tempos - A Fundação Dom Aguirre e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à Universidade de Sorocaba

Os primórdios da Fundação Dom Aguirre se deram com a inauguração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 7 de março de 1954, contribuindo para que Sorocaba se tornasse o que é hoje, um centro estudantil e universitário.

A célula geradora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi a Igreja Católica de Sorocaba, inspirada pelo primeiro bispo da cidade, Dom Aguirre.



Poucas eram as Faculdades de Filosofia existentes no país. A mais antiga data de 1908, que é a Faculdade de Filosofia de São Bento, criada por iniciativa de Dom Miguel Kruse, hoje integrada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A Faculdade de Filosofia de Sorocaba precisava de um terreno para ser instalada. A Prefeitura de Sorocaba propôs a desapropriação da Chácara Trujillo, antiga residência dos senhores Frank Speers (o mesmo que fez a doação do terreno para a construção do Seminário de Sorocaba) e Alberto Trujillo. A Chácara abrigou também o quartel do 7º Batalhão de Caçadores Paulistas – uma das primeiras denominações da Polícia Militar do Estado de São Paulo.



Prefeito Armínio Vasconsellos Leite

No dia 10 de agosto de 1951, foi aprovado pela Câmara de Vereadores o projeto de Lei 79/51 – da Prefeitura Municipal, criando a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba. O projeto foi promulgado pelo então Prefeito Armínio Vasconsellos Leite, no dia 23 de agosto de 1951.

Os poderes públicos municipais, cientes de sua responsabilidade, querendo que na recém-criada Faculdade fosse ministrado ensino verdadeiramente universitário, e que a juventude Sorocaba e da região fosse formada para as lutas do magistério, moral e espiritualmente, resolveram entregar à Diocese de Sorocaba a administração da sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. (NEVES, 1988, p.19).

Pelo ofício nº 945, de 26/11/51, o Prefeito Armínio consulta o bispo para verificar “se a diocese de Sorocaba poderia ficar encarregada da parte administrativa da Faculdade” (NEVES, 1988, p19). Um dia depois, em resposta, Dom Aguirre aceita a oferta da Prefeitura de administrar a faculdade, porém com duas ressalvas:

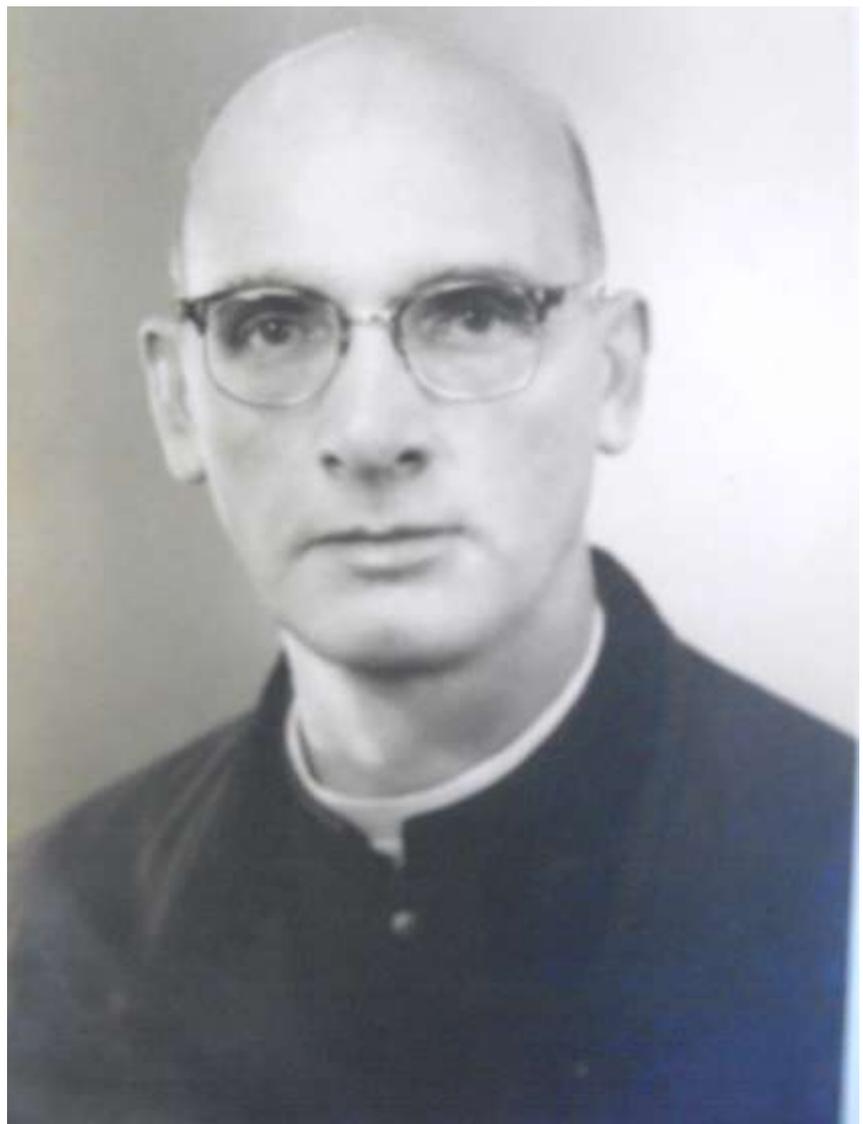
1) A Diocese ficará na sua administração alheia a qualquer injunção política ou vínculo de sujeição; 2) A Diocese terá toda liberdade do corpo docente, discente e administrativo da Faculdade. (NEVES, 1988, p.19)

Em 1º de novembro de 1951, o diretor da Faculdade, Monsenhor Francisco Cangro, envia ao Ministério da Educação o processo solicitando autorização de funcionamento da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba. Praticamente um ano depois, em 19 de outubro de 1952, com o parecer nº 207/52, o Ministério da Educação se diz favorável à autorização de funcionamento dos cursos de Filosofia, Geografia, História e Letras Neolatinas.

Foi, então, aprovado pela Câmara de Vereadores e sancionado pelo Prefeito, um Projeto de Lei que mantinha a Faculdade como municipal, porém com administração da Diocese.

A Câmara Municipal de Sorocaba decreta, e eu promulgo a seguinte Lei: Art. 1º - Fica criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Municipal de Sorocaba. LEI nº 233, de 23 de agosto de 1951. ([www.sorocaba.gov.br](http://www.sorocaba.gov.br))

Sempre presente e tendo um papel importante nas atividades da Diocese, Cônego André Pieroni Sobrinho, que acompanhou de perto a construção do Seminário Diocesano, recebeu mais uma missão relevante, era ele quem viajava constantemente ao Rio de Janeiro para negociações com o Ministério da Educação.



O Diário Oficial da União, em 24 de fevereiro de 1953, publica o Decreto do Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, concedendo autorização de funcionamento para a Faculdade.

Por falta de instalações apropriadas, já que a Chácara Trujillo precisava de reformas e adequações apropriadas para salas de aulas, e por falta de recursos para a realização dessa reforma, a Faculdade só começa a funcionar no ano seguinte, em 15 de março de 1954, em instalações emprestadas, no prédio do então Colégio e Escola Normal Municipal “Dr. Getúlio Vargas”.



Dom Aguirre nomeia como diretor Monsenhor Antonio Pedro Misiara e como vice-diretor o Cônego Francisco Lyrio de Almeida.

O primeiro vestibular aconteceu em 16 de fevereiro de 1954. “Inscreveram-se 31 candidatos. Matricularam-se 27 alunos”. (NEVES, 1988, p. 26).

No dia 7 de março de 1954, foi realizada a instalação solene da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, “dia que se comemora liturgicamente o exímio filósofo e teólogo Santo Tomás de Aquino” (NEVES, 1988, p. 27).

A sessão solene aconteceu no Salão Nobre do Instituto de Educação “Dr. Julio Prestes de Albuquerque”, com a presença de inúmeras autoridades.



Vemos na foto acima o momento exato do corte da fita simbólica pelo Governador do Estado, Dr. Lucas Nogueira Garces, e pelo bispo Dom José Carlos de Aguirre.



Nestas fotos vemos as autoridades que compuseram a mesa principal para as solenidades. Da esquerda para a direita: Dom José Carlos de Aguirre, Bispo Diocesano; Dr. Emerciano Prestes de Barros, Prefeito Municipal; Prof. Lucas Nogueira Garces, Governador do Estado de São Paulo; Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, Arcebispo de São Paulo; Monsenhor Antonio Pedro Misiara, Diretor da Faculdade.



No canto direito, o radialista Salomão Pavlovsky registrando tão importante momento.



Alunos da *Schola Cantorum Pío XII*, do Seminário São Carlos Borromeu, abrilhantaram a sessão com repertório de músicas clássicas.



Benção das instalações pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, em 07 de março de 1954.

No dia 7 de março de 1954, foi realizada a instalação solene da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, no Colégio e Escola Normal Municipal “Dr. Getúlio Vargas”



Muitas personalidades ilustres, entre elas várias autoridades, professores, funcionários e alunos aparecem nesta foto. Destacamos algumas dessas personalidades. Sentados estão Dom Aguirre, Dona Joaquina de Cunto Scarpa e o Prefeito Emereciano Prestes de Barros. Aparecem na foto, em pé, ao lado esquerdo de Dom Aguirre, o Comendador Francisco Scarpa, tendo a sua frente o filho, Chiquinho Scarpa.

Nesse mesmo ano, Dom Aguirre procurou a família Scarpa de Sorocaba, pioneira da indústria sorocabana de tecelagem, para solicitação da reforma da Chácara Trujillo, instalação de biblioteca especializada, além de verba para manutenção e construção de novas instalações.

No dia 7 de agosto de 1954, é criada a Fundação Scarpa. A Câmara Municipal de Sorocaba aprova a Lei nº 376 de 25 de setembro de 1954.

Art. 1º - A Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras Municipal de Sorocaba, criada pela Lei nº 233, de 23 de Agosto de 1951, fica transferida para a Fundação Scarpa, entidade com sede nesta cidade, que terá a responsabilidade da administração, manutenção e outros encargos decorrentes do funcionamento da referida Faculdade, na forma dos seus estatutos. (Câmara Municipal de Sorocaba)



Comendador Francisco Scarpa

Em menos de seis meses a família Scarpa, mantenedora da Faculdade, reformou a Chácara Trujillo, construindo novos espaços adequados para aulas, biblioteca, e salas administrativas.



A inauguração aconteceu no dia 10 de setembro de 1955, aniversário de Dona Joaquina de Cunto Scarpa, mãe do Comendador Francisco Scarpa e Nicolau Scarpa Junior.

Dona Joaquina foi benemérita benfeitora das Obras das Vocações Sacerdotais, do Seminário Diocesano e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.



Vemos na foto acima a fachada da Fundação Scarpa e o prédio Faculdade Filosofia, Ciências e Letras .

Dia 10 de setembro de 1955, foi realizada a inauguração do atual *campus* Trujillo da Universidade de Sorocaba, com a presença de um grande público que prestigiou o evento.



Dia 10 de setembro de 1955, aconteceu a solenidade de inauguração das novas instalações.

Estiveram presentes o Ministro da Educação, Prof<sup>o</sup> Cândido Motta Filho, a Secretária de Educação do Estado de São Paulo, Prof<sup>a</sup>. Carolina Ribeiro, o Prefeito de Sorocaba, Emerenciano Prestes de Barros, os Comendadores Francisco Scarpa e Nicolau Scarpa Júnior e respectivas esposas, além de outras autoridades civis, militares, religiosas e professores.





Na foto acima, vemos o Pátio interno, no ano de 1955. Abaixo, a sala do Diretor da Faculdade, Mons. Antônio Pedro Misiara, primeiro diretor.





Fotos da Sala Administrativa e da Biblioteca, já sendo utilizada por alguns alunos.





Vemos, nesta página, fotos de salas de aula, iluminadas por luz natural.





Esta sala de aula era muito grande; assim, posteriormente, transformou-se em auditório, e hoje é o Salão Vermelho do *campus* Trujillo.



Neves (1988, p. 35) comenta que todos os móveis e equipamentos necessários para aparelhar o novo prédio foram doados pela família Scarpa.

Em 11 de outubro de 1956, a família Scarpa propõe o fim da fundação que leva o seu nome, devido aos encargos crescentes. O prefeito de Sorocaba, Gualberto Moreira, encaminha à Câmara Municipal um Projeto de Lei dispondo sobre a volta da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras à responsabilidade da municipalidade. Em 1º de dezembro de 1956, foi assinada a Lei nº 458, ficando assim, outra vez, o município responsável pela faculdade, e a Cúria pela sua administração, como era no princípio.

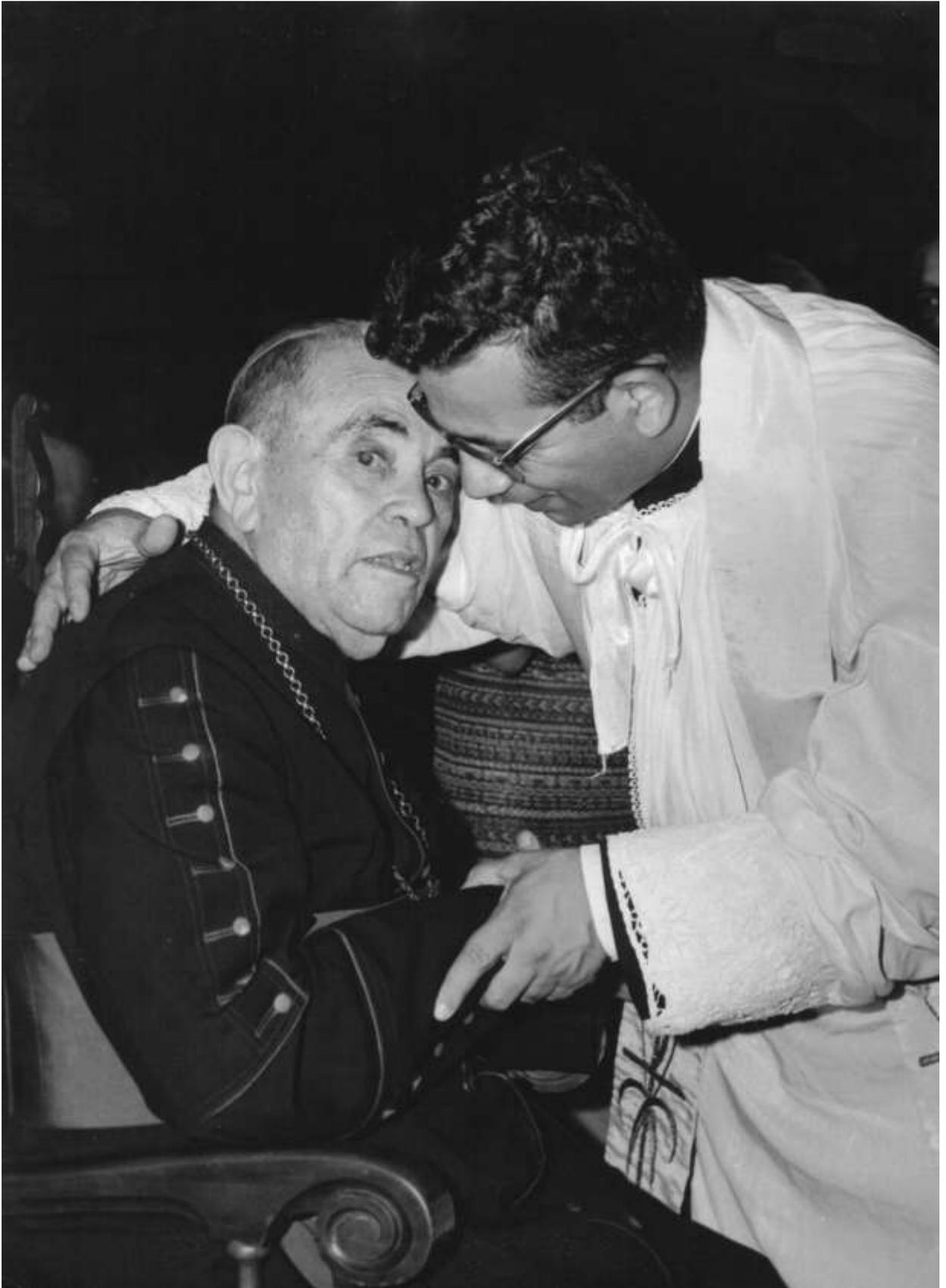
Art. 2º - Fica revertido ao patrimônio Municipal, com as benfeitorias existentes, independente de qualquer indenização, o imóvel que havia sido doado pela Prefeitura Municipal à Fundação Scarpa.

Art. 3º - A administração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Municipal de Sorocaba fica entregue à Cúria Diocesana de Sorocaba. ([www.sorocaba.gov.br](http://www.sorocaba.gov.br))

Extinta a Fundação Scarpa em 1956, o então diretor da Faculdade de Filosofia, Padre Antonio de Oliveira Godinho, tentou por duas vezes, em 1957 e 1958, a criação de uma nova fundação para manter e administrar a instituição, o que não foi aprovado pela Câmara de Vereadores. Em 2 de abril de 1960, a Câmara, mais uma vez, rejeita o Projeto de Lei do Prefeito José Lozano de se criar uma nova fundação mantenedora da Faculdade de Filosofia.

No dia 12 de outubro de 1963, mais uma vez a diretoria da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, contando com as presenças de Dom Aguirre, Bispo Diocesano, do Dr. Artidoro Mascarenhas, Prefeito Municipal, do Prof. Pedro Augusto Rangel, Presidente da Câmara de Vereadores, dos professores Aldo Vannucchi, Diretor da Faculdade, e João Tortelo, Vice Diretor, e de José Carlos de Araujo Neves, Secretário, discutiram a idéia de se criar uma Fundação.

O Prof. Aldo Vannucchi fez a sugestão que a Fundação recebesse o nome de Dom Aguirre, “como homenagem de gratidão a Dom José Carlos de Aguirre, primeiro bispo Diocesano de Sorocaba, grande incentivador do ensino superior local”. (NEVES, 1988, p. 46).



Dom Aguirre relutou, sem êxito, para que fosse dado outro nome à Fundação, o que não foi aceito pelos demais membros.

As primeiras turmas de licenciados da Faculdade de Filosofia colaram grau no Salão de Festas do Sorocaba Clube, na noite de 22 de março de 1958. O Paraninfo das turmas de Pedagogia e Letras Neolatinas foi Monsenhor Antonio Misiara, ex-diretor da Faculdade.

Dom Aguirre celebrou a missa em Ação de Graças na Catedral Metropolitana de Sorocaba.



Momento de oração e Ação de Graças.



Vemos nesta foto Dom Aguirre, na saída da Missa de Ação de Graças.



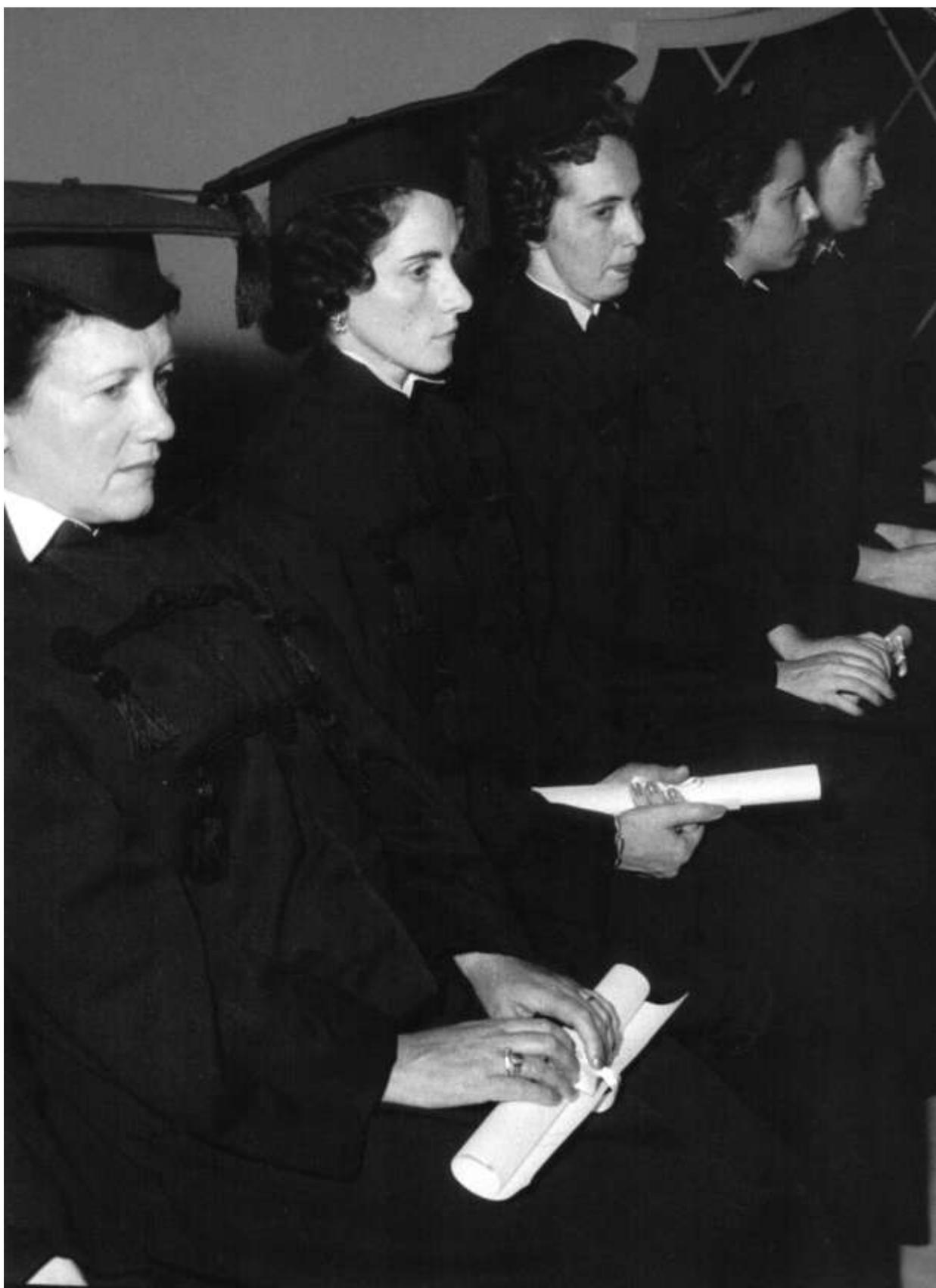
Pose para foto nas escadarias da Catedral.



No Sorocaba Clube, o plano geral mostra a mesa composta por Dom Aguirre e demais autoridades municipais.



O Juramento.



As formandas, já com o diploma nas mãos.



A formatura, momento inesquecível na vida de todo estudante.





Em 29 de outubro de 1963, o Prefeito, Dr. Artidoro Mascarenhas, promulgou a Lei 1153, que autorizava o Poder Público a doar à Fundação Dom Aguirre o prédio e a estrutura da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba.

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo Municipal de Sorocaba autorizado a transferir a "Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba", criada pela lei nº 233, de 23 de agosto de 1951, para a "Fundação Dom Aguirre", entidade com sede nesta cidade, que terá responsabilidade da administração, manutenção e outros encargos decorrentes do funcionamento da referida Faculdade, na forma dos seus estatutos. ([www.sorocaba.gov.br](http://www.sorocaba.gov.br))

No dia 17 de outubro de 1964, aconteceu a solenidade de inauguração do jardim interno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O corte da fita foi realizado por Dr. Juvenal de Campos, Deputado Estadual, e pelo Cônego Aldo Vannucchi, então Diretor da Faculdade.





1964



Vista do mesmo jardim, em 1978, plantas e árvores crescidas.



Fachada da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1960.

Abaixo segue texto oficial que se encontra no site da UNISO ([www.uniso.br](http://www.uniso.br)):

De 1958 a 1968, graças a um convênio, o ensino foi gratuito, com professores e funcionários pagos pela Secretaria da Educação do Estado. Em 1967, começou o curso de Administração de Empresas e, em 1968, o de Matemática. Com a reforma do ensino e a “época Passarinho” na Educação, foi necessário criar, em 1970, cursos de Técnicas Comerciais, Artes Industriais e Estudos Sociais, e construíram-se novos prédios. Foram cursos circunstanciais, que se esvaziaram e se inviabilizaram no breve espaço de 4 ou 5 anos. Nas décadas de 60 e 70, também surgiram as primeiras atividades extensionistas, com cursos de extensão nas áreas de Letras, Ciências Sociais e Educação.

Na Pós-Graduação, os primeiros cursos de Especialização surgiram a partir de 1973, ganhando grande incremento a partir da década de 80, nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas, Humanas, Lingüística, Letras e Artes, etc.

Em 1975, foi criado o curso Ciências Contábeis e, em 1988, Ciências Econômicas.

De 1988 a 1994, desenvolveu-se o projeto de criação da Universidade (Projeto Uniso). Dentro desse processo, constituíram-se, em 1992, as Faculdades Integradas Dom Aguirre (Fida) e, em 1994, pela Portaria nº 1.364, de 13 de setembro de 1994, publicada no Diário Oficial em 15 de setembro de 1994, chegou-se à criação da Uniso – Universidade de Sorocaba. Nesse ano, foram criados os primeiros núcleos de estudos dedicados à pesquisa e à extensão, como o Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica - NDPH, o Núcleo de Estudos Ambientais – NEAS, o Núcleo de Estudos Tropeiros – NET, o Núcleo de Educação em Saúde – NESAU e o Núcleo de Cultura Afro-Brasileira – NUCAB. Já havia atividades voltadas à Terceira Idade e às apresentações do grupo de Teatro Katharsis. Em 1995, começaram a funcionar os cursos de Análise de Sistemas, Direito e Comunicação Social - habilitações: Jornalismo e Publicidade e Propaganda. O *Campus* Trujillo começou ficar pequeno para todos os novos cursos, assim, no segundo semestre de 1995, a Uniso ganha o *Campus* Seminário.

Em 1996, começou a funcionar o curso de Administração em Comércio Exterior. Nesse ano, também se iniciaram os primeiros trabalhos de alfabetização, com a implantação de 4 núcleos no assentamento do Movimento dos Sem Terra, e novos núcleos de estudo foram criados: Núcleo de Estudos Empresariais – NEEUS, Núcleo de Estudos da Comunicação – NEC, Núcleo de Esportes, Lazer e Recreação – NERUS, e Núcleo de Estudos em Matemática – NEM. Houve, ainda, a adesão da Uniso à Rede Interuniversitária do Trabalho – Unitrabalho, sendo, inclusive, a nossa Universidade uma de suas instituidoras.

Em agosto de 1996, teve início o primeiro Mestrado da Uniso, na área da Educação.

Em 1997, o curso de Letras passou a ter também a habilitação em Português/Espanhol. Em 1998, Hotelaria, Turismo, Terapia Ocupacional e Farmácia, com as habilitações: Farmacêutico-Bioquímico, modalidade Análises Clínicas e Farmacêutico Industrial começaram a funcionar, bem como houve a reformulação do curso de Matemática. Nesse ano, também começou a ser desenvolvido o Programa de Iniciação Científica da Universidade, foi instalado o Núcleo da Maturidade – NEMA (atual programa Universidade da Terceira Idade) e iniciados os Corais da Terceira Idade e Universitário, bem como foi implementado o Projeto de Educação de Jovens e Adultos “Sorocaba 100 Analfabetos”, que se tornou um programa de âmbito regional.

Grande momento da Universidade, em 1999, foi a inauguração, em 30 de julho, da Cidade Universitária, onde passaram a funcionar os seguintes cursos: Administração de Empresas, Administração em Comércio Exterior, Análise de Sistemas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Farmácia e Terapia Ocupacional. Nesse ano, a Universidade também cria, por meio de seu curso de Direito, o Serviço de Assistência Jurídica Gratuito – SAJU.

Em julho de 2000, foram inaugurados os laboratórios da área da Saúde e, em setembro, os de Hotelaria e Turismo. Nesse ano, também foi inaugurado o Núcleo de Terapia Ocupacional.

Em 2001, começaram a funcionar os cursos de Sistemas de Informação e Nutrição e as primeiras atividades em Educação a Distância na Universidade. Em 2002, tiveram início os cursos de Ciência da Computação e Administração, habilitação em Administração de Negócios, e foram inaugurados o Laboratório de Nutrição e a Farmácia Comunitária, em parceria com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, *campus* Sorocaba. Outro fato importante desse ano refere-se à extinção de alguns núcleos de estudo, sendo que as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas por eles ficaram institucionalizadas nos cursos de graduação, permanecendo (com a nomenclatura de núcleo) apenas o NUCAB, o NERUS e o NEAS, por serem de reconhecida inserção local e regional. Ainda, foi recomendado pela Capes o nosso Mestrado em Educação, na área de concentração Educação Escolar, com as linhas de pesquisa: “Construção do Conhecimento nas Relações Escolares” e “Instituição Escolar: Políticas e Práticas”, tornando-se a Uniso a única Universidade da região a oferecer curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

No ano de 2003, teve início o funcionamento de três novas licenciaturas: Letras: habilitação em Português e Literaturas da Língua Portuguesa, Letras: habilitação em Inglês e Literatura da Língua Inglesa e Pedagogia, com duas habilitações distintas: Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Docência na Educação Infantil. Os Cursos Superiores de Tecnologia também se iniciaram nesse ano, com Gestão de Negócios Imobiliários, Gestão Financeira e Bancária e Gestão Ambiental.

Em 2004, houve a extinção das habilitações do curso de Farmácia (em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Conselho Nacional de Educação) e começaram a funcionar os cursos de Comunicação Social: habilitação em Relações Públicas, Física, Pedagogia: habilitação em Administração Educacional e Teatro, habilitação em Arte-Educação. Nesse ano, também foi inaugurada a nova Biblioteca Central, na Cidade Universitária, com 5.723 m<sup>2</sup>, e iniciadas ações para criação de um novo núcleo cultural, com a parceria da Uniso e o Centro Musical Sorocabano – CMS, e iniciado o Programa de Bolsas de Extensão. Ao lado de diversos projetos e programas de ação comunitária, como o Programa Escola da Família (em parceria com a Secretaria Estadual da Educação) e a parceria com a Febem, no oferecimento de oficinas profissionalizantes para jovens internos, a Uniso voltou-se fortemente para a oferta de cursos de extensão, destacando-se a capacitação de professores da Rede Estadual de Ensino e de funcionários de várias empresas.

Já em 2005, deu-se início ao curso de Química, aos Cursos Superiores de Tecnologia em Gastronomia, Gestão de Recursos Humanos e Gestão de Logística, e a inauguração da Livraria Acadêmica e dos novos Laboratórios de Comunicação Social. Também houve, nesse ano, a implementação de novos projetos extensionistas, como as parcerias com o Instituto Rede

Arte na Escola, o Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros (monitoria de educação ambiental), a Fundação de Amparo ao Preso - Funap, o Hospital GPACI, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome / Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – MDS/PNUD (que habilitaram a Uniso como Universidade parceira no Programa Inclusão Produtiva de Jovens), e a OAB (projeto Direito e Denúncia).

Em 2006, começaram a funcionar os Cursos Superiores de Tecnologia em Gestão de Marketing de Varejo, Gestão de Produção Industrial, Gestão Financeira, Design Gráfico e o bacharelado em Biotecnologia. Também, foi recomendado pela Capes o reconhecimento do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura, na área de concentração em Mídias e com as Linhas de Pesquisa: “Comunicação Midiática” e “Produção Cultural Midiática”.

Em 2007, os cursos Superiores de Tecnologia em Gestão Ambiental, Gestão da Produção Industrial, Logística e Marketing revisaram suas denominações e seus Projetos Político-Pedagógicos em razão da necessidade de adequarem-se ao Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia definido pelo MEC. Respeitando às Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração e em Pedagogia, extinguiram-se as habilitações existentes nesses dois cursos. No mesmo ano, Comércio Exterior, antiga habilitação do Curso de Administração, passa a ser oferecida como bacharelado. Também, foi recomendado pela Capes o reconhecimento do terceiro mestrado da Instituição, em Ciências Farmacêuticas, e os programas de Mestrado em Educação e em Comunicação e Cultura.

No ano de 2008, deu-se início ao funcionamento dos primeiros cursos de Engenharia da Universidade, em Engenharia de Produção e Engenharia Ambiental, além do funcionamento do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Equinocultura. Também foi recomendado, pela Capes, o primeiro doutorado da Universidade, em Educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa significou, para nós, momentos de grande satisfação pessoal, pois nesse mesmo período em que a Fundação Dom Aguirre completa seus 50 anos e a Universidade de Sorocaba completa seus 15 anos, nós completamos 13 anos nesta instituição.

Resgatar a história da Fundação e da UNISO, através de fotografia, foi reviver nossa profissão de fotógrafo. Tendo nascido e sido criado no meio fotográfico, aprendemos a valorizar cada imagem e, principalmente, a reconhecer a importância do fotógrafo. Como repórter fotográfico há 26 anos, desenvolver esta pesquisa foi, conforme dito anteriormente, como desenvolver uma grande reportagem histórica, despertou-nos também a função de receptor das imagens que foram eternizadas por fotógrafos, muitos deles desconhecidos, mas que deixaram suas impressões, suas emoções em cada enquadramento, na busca pelo foco, na iluminação apropriada para registrar o momento específico do instante captado, e que hoje trazem do passado as significações do que é o presente. “O mundo vem até nossos olhos”, como diz Barthes (1984, p. 31), já citado na introdução deste trabalho, mas que aqui completa nossa linha de pensamento.

Acreditamos ter conseguido com essa pesquisa, além de contar a história através da linguagem fotográfica e trazer para as gerações futuras “A Gênese da Universidade de Sorocaba”, resgatar a magia da fotografia, sua importância e seu testemunho.

Não podemos negar que a fotografia representa um momento de vida, que possui um significado num dado instante, e a comunicação desse momento se torna possível através das fotos. A imagem estática, incomunicável até, torna-se parte de nosso mundo, onde a representação se funde cada vez mais com a obra única e completa, a vida.

Procuramos diagramar as fotografias seguindo uma ordem cronológica, mas sem perder o aspecto estético e suas referências cinematográficas.

A missão de selecionar as melhores fotos, as que mais nos traziam as representações do passado, reafirmamos aqui, não foi fácil. Eram centenas de fotos, todas com suas peculiaridades, todas representativas. Fica, então, para o futuro, a possibilidade de uma

nova seleção e, se possível, de uma nova publicação. Pois é nosso desejo transformar essa dissertação em um livro que possa servir como fonte de pesquisa, como honra da memória de pessoas e ações que ficaram eternizadas pela nossa sociedade. E principalmente como forma de homenagear todos aqueles que, através de suas vidas e de suas atividades, contribuíram para o que hoje é a Arquidiocese de Sorocaba e a Universidade de Sorocaba.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, Ansel. **A câmera**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2002.
- ALMEIDA, Mons. Luis Castanho de. **A Diocese de Sorocaba e seu Primeiro Bispo**. Sorocaba. Catedral de Sorocaba, 1974.
- ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora - dentro**. São Paulo, Estação Liberdade: Educ, 2002.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira, 1980.
- AUMONT, J. **A imagem**. 5.ed. Campinas/SP: Papyrus, 2001.
- BARBIER, I. M. **Pesquisa-ação numa instituição educativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BARBOSA, Rui; Organização: Mário Brockmann Machado. **Fotobiografia/Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.
- BARTHES, Roland. **The photographic message**. New York: Hill, 1977.
- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara. Nota sobre a fotografia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Organização: Adauto Novaes. **Janela da Alma, Espelho do Mundo**. In NOVAIS, Adauto (org). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CHIOZZOTTO, Luiz. **Footing Sorocabano – Passado em Fotografias: 1886 a 1957**. Sorocaba: edição do autor, 2007.
- COUCHOT, Edmond. **A Tecnologia na Arte – da fotografia à realidade virtual**. Trad. Sandra Rey. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- DAY, D.H. **Fotografia de Locais e Paisagens**. Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1980.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 1995.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. Campinas/SP: Papyrus Editora, 2001.

EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura**. Tradução Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FERNANDES, Rubens Jr. **A fotografia expandida**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

FERNANDES, Rubens Jr. **Formas - Geraldo de Barros**. Cosacnaify, s/a.

FERNANDES, Rubens Jr. **Sobras - Geraldo de Barros**. Cosacnaify, s/a.

GOMES, P. **Da escrita à imagem: da fotografia à subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS / Instituto de Psicologia (Projeto de dissertação de mestrado), 1996.

GOMIDE, Carlos Henrique de Andrada. **A Técnica e a Prática da Fotografia**. Rio de Janeiro: Ed. Tecnoprint, 1979.

HAAS, Ernst. In: **O Prazer de Fotografar: Um guia do equipamento e das técnicas de fotografar melhor**. Eastman Kodak Company. Tradução Anamaria Kubrusly. São Paulo: Abril, 1980.

HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C. E FRANÇA. Organização: Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

JOLY, Martini. **Introdução à Análise da Imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas/SP: Papyrus, 1996.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ática, 1989.

KUBRUSLY, Claudio Araujo. **O que é fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEITE, Mirian Moreira. **Retratos de família**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LOUREIRO, Mons. Paulo Rolim. **Sob o Olhar de São José**. São Paulo. Imprimatur, 1949.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**. 2ª. ed. São Paulo: Ed. USP, 1996.

MANARINI, Ademar. Organização: Freddy Van Camp. **Fotografia**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NEIVA, Jr., Eduardo. **A imagem fotográfica**. Tradução: Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Ática, 1986.

NEVES, José Carlos de Araujo. **Fundação Dom Aguirre – 35 anos de História**. Sorocaba: FDA, 1998.

SAMPAIO, João José Correa. **Consagrados e Secularizados**. Dissertação de Mestrado em Filosofia da Educação. Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, 1993.

URBAN, João. Organização: Persichetti Simontetta, Thales Trigo. **Coleção SENAC de Fotografia**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2005.

VITORINO, Marcello. Coordenação. **Foto-Retrospectiva 2000**. Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução Lólio L. de Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

www.uniso.br – Texto oficial da Universidade de Sorocaba. 10/07/2009 – 19h35.